

Jornal do
EXÉRCITO

**Campo Militar
de Santa Margarida**

o Exército nas redes sociais

exercito.pt

- @ExercitoPortuguesPRT
- @exercitoportugues_oficial
- Exército Recrutamento
- @Exercito_pt
- 800 20 12 74



no **TWITTER**:

O Exército reforçou o combate ao incêndio de

Vila Real com quatro Pelotões de Rescaldo e Vigilância Ativa Pós-Incêndio, estando três Pelotões empenhados no Teatro de Operações de Mondim de Basto e um no de Santa Marta de Penaguião.

4220
seguidores



1,5 mil
visualizações

no **YOUTUBE**:

De modo a conhecer melhor o desporto militar praticado no Exército, o repórter do programa "Alô Portugal" da SIC, Miguel Costa, visitou a Escola das Armas, em Mafra, onde teve oportunidade de realizar orientação pedestre, técnicas de equitação e executar a pista de obstáculos de 500 metros.



2879
publicações
66 mil
seguidores

no **INSTAGRAM**:

No dia 16 de setembro decorreu a cerimónia comemorativa do Dia da Arma de Cavalaria e do 315.º Aniversário Regimento de Cavalaria n.º 3, em Estremoz.

Após a continência das Forças em Parada ao CEME, o programa da cerimónia militar incluiu a integração do Estandarte Nacional na Formatura Geral, o desfile das Forças em Parada, entre outros momentos.



438
gostos
179 mil
seguidores

no **FACEBOOK**:

O Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6), em Braga, participou nas comemorações dos 200 anos da Independência do Brasil, que decorreram na Igreja da Lapa, no Porto.

No âmbito destas comemorações, os militares do RC6 realizaram a Guarda de Honra ao coração de D. Pedro IV.





O Campo Militar de Santa Margarida 14



... mais do que mil palavras

Imagem da sub-rubrica “... mais do que mil palavras”:
 Projecção da Força de Reacção Rápida da 11.ª Força Nacional Destacada na República Centro-Africana

Imagem da Capa: Campo Militar de Santa Margarida
 (Foto : RCRPP/GabCEME)

Editorial	04
Comandante da Brigada Mecanizada	05
Figuras e Factos	06
Atualidades	
... mais do que mil palavras	12
Unidades	
– O Campo Militar de Santa Margarida	14
Capacidades	
– Viaturas Blindadas de Rodas	22
– Evitar a Surpresa e Reduzir as Incertezas	26
Exercícios	
– FALCON LEAP 22	30
Unidades	
– Arma da Infantaria	34
Cooperação	
– Missão da União Europeia em Moçambique	38
Testemunho	
– Tenente Paraquedista Sofia Gil	43
Por Outros Exércitos	
– O Grupo <i>Wagner</i>	44
– Obus autopropulsado AHS KRAB	45
Cultura e Lazer	
Uma Visão da História	
– A Batalha do Buçaco	46
Livros	52
In Memoriam	53

04. Editorial

Coronel de Artilharia José Costa dos Reis
Diretor do *Jornal do Exército*

Caros leitores,

Na edição do mês de setembro do *Jornal do Exército* colocamos o enfoque nas infraestruturas para o apoio ao treino e instrução, evidenciando a mais-valia que representa para o Exército e para as Forças Armadas o Campo Militar de Santa Margarida, onde está sediada a Brigada Mecanizada (BrigMec). Assim, e nesse âmbito, damos a palavra ao Brigadeiro-General Sérgio Valente Marques, que desempenhou as funções de Comandante da BrigMec, de 15 de janeiro de 2021 a 19 de setembro do corrente ano.

Com o intuito de divulgar as atuais capacidades do Exército, nomeadamente as decorrentes do seu reequipamento, revelaremos alguns detalhes sobre as Viaturas Blindadas de Rodas ao seu serviço, bem como as valências do Agrupamento de Informações, Vigilância Aquisição de Objetivos e Reconhecimento, uma importante ferramenta em todas as fases das operações militares.

No que respeita ao treino operacional, destaca-se a participação da Brigada de Reação Rápida no exercício FALCON LEAP 22, realizado na região de Ede, nos Países-Baixos e conduzido sob a égide da 11.ª Brigada Aeromóvel do Exército Real desse país, contando com a participação de diversos Estados da Aliança Atlântica e onde foi evocada a operação MARKET GARDEN da II Guerra Mundial.

Neste número, debruçar-nos-emos, ainda, sobre a Missão da União Europeia em Moçambique onde Portugal se constitui como Nação Líder, tendo o seu primeiro comandante



sido o Brigadeiro-General Nuno Lemos Pires do Exército Português. Adicionalmente, efetuaremos um laudatório à Arma da Infantaria, pela ocasião do dia consignado ao seu aniversário, em 14 de agosto.

Na rubrica «Por outros Exércitos», onde é nosso objetivo abordar matérias que, pela sua atualidade e pertinência, possam suscitar o interesse do leitor, possibilitando simultaneamente a oportunidade de aprofundar, apresentamos um artigo da revista espanhola *Ejército*, que trás aos escaparates uma temática bastante em voga - “O Grupo Wagner, ferramenta para a Guerra Híbrida” - e outro sobre o obus autopropulsado de origem polaca - AHS KRAB - utilizado pelo Exército ucraniano no conflito no Leste europeu.

Na parte da revista dedicada à Cultura e Lazer, concretamente na «Visão da História», destaca-se o distinto artigo da Mestre Ana Rita Carvalho, redatora do *Jornal do Exército*, que nos leva a revisitar a Batalha do Buçaco, ocorrida em 27 de setembro de 1810, na Serra com o mesmo nome. O desfecho desta batalha ditou o princípio do fim da hegemonia do Imperador Napoleão Bonaparte.

Nas habituais sugestões cinéfilas e literárias, destaque para o livro *The American War in Afghanistan: a History*, de Carter Malkasian, que nos fornece uma história abrangente de todo o conflito no Afeganistão, grande parte vivenciada pelo autor.

Boas leituras! ☞

BRIGADEIRO-GENERAL
COMANDANTE DA BRIGADA
MECANIZADA
SÉRGIO VALENTE MARQUES



O Campo Militar de Santa Margarida da Brigada Mecanizada, situado em Santa Margarida da Coutada (Constância), é uma área com cerca de 67 quilómetros quadrados e características ímpares para a realização de treino operacional.

Dispondo do apoio dos recursos humanos, materiais e saber da escola de armas combinadas da Brigada Mecanizada, 18 áreas de instrução, nove carreiras de tiro para armamento ligeiro e coletivo, bem como duas pistas de aterragem, permite a realização de ações de formação e treino, individual e coletivo, em condições realistas.

O Campo é utilizado intensivamente por forças nacionais e internacionais, des-

tacando-se, na área da formação, o apoio à Academia Militar, às escolas das Armas e de Sargentos do Exército; a sua ação como polo de formação das escolas das Armas e dos Serviços; e o ministrar de cursos de promoção a Cabo.

Ao nível operacional, destacam-se os exercícios da Brigada Mecanizada, o exercício ORION, de nível Exército, o exercício REAL THAW, da Força Aérea Portuguesa e, ainda, o aprontamento de Forças Nacionais Destacadas.

A localização geográfica central, a concentração de unidades na região e a excelência do relacionamento com a população e autoridades locais acrescentam valor adicional a esta infraestrutura, ao dispor do Exército e de Portugal. ٢٤

06. Figuras e Factos

DESTAQUE

Forças Nacionais Destacadas do Exército



Projeção da 11FND na região de Bakouma, na República Centro-Africana

No âmbito dos compromissos internacionais assumidos presentemente pelo Estado Português, o Exército tem projetadas Forças Nacionais Destacadas na República Centro-Africana e na Roménia

O Exército Português, em cumprimento do constitucionalmente estabelecido de, nos termos da lei, “satisfazer os compromissos internacionais do Estado Português no âmbito militar e participar em missões humanitárias e de paz assumidas pelas organizações internacionais de que Portugal faça parte”, tem empenhado os seus militares em Teatros de Operações fora do Território Nacional, nas suas Forças Nacionais Destacadas (FND). De um modo geral, as Forças Armadas têm participado em Operações Humanitárias, de Apoio à Paz e outras, que decorrem de Resoluções do Conselho de Segurança da ONU, da NATO e da União Europeia, integradas em coligações e outras dirigidas para a prossecução dos interesses de Portugal.

A 11FND ao serviço da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas (MINUSCA) para a Estabilização da República Centro-Africana (RCA) foi projetada em julho para o setor Este daquele Teatro

de Operações. A grave deterioração das condições de segurança neste Setor da RCA levou ao emprego da Força de Reação Rápida Portuguesa, com o objetivo de reforçar a capacidade militar da MINUSCA nesta região. A Força Portuguesa conduziu operações com a finalidade de dissuadir a atividade dos grupos armados, neutralizar ameaças à segurança das populações, contribuir para um ambiente seguro e para a liberdade de movimentos das Forças da MINUSCA.

No mês de agosto foram conduzidas por esta Força patrulhas de reconhecimento a pontos importantes e áreas de interesse, e realizadas recolhas de informação junto da população, mantendo uma robusta presença na cidade. Os militares portugueses, aquando da sua chegada, foram recebidos com alegria e alívio pela população de Bakouma que assistiu à fuga dos elementos armados, instalados nas imediações daquela cidade há vários meses.

O Exército Português projetou a 1FND/ROU (Companhia de Atiradores Mecanizada) para a Roménia, no dia 15 de abril. Esta Força foi aprontada em circunstâncias excepcionais e em tempo reduzido, na sequência das ações disruptivas iniciadas em 2014, de que resultou a anexação da Crimeia, e da invasão russa à Ucrânia em 24 de fevereiro deste ano.

A 1FND/ROU marca uma presença importante e dissuasora na Roménia, país aliado no contexto da atual crise de segurança que persiste no leste europeu. Através das Forças Armadas, Portugal contribui assim para o reforço da coesão e da natureza identitária da Aliança Atlântica, salvaguardando a solidariedade e os interesses coletivos que lhe são inerentes. Este contingente partiu para a Roménia ao abrigo da missão *Enhanced Vigilance Activity* da NATO que visa contribuir para a dissuasão e

defesa da Aliança Atlântica no seu flanco Sudeste. O plano das FND para 2022 já previa o envio para a Roménia de um contingente de militares no segundo semestre do ano, tal como aconteceu em 2021, contudo, este calendário foi antecipado, devido ao atual conflito entre a Ucrânia e a Rússia. Ainda neste país, releva-se outra FND/SOTU/ROU ao abrigo da missão citada, através dos seus elementos que constituem uma Unidade de Tarefa de Operações Especiais (*Special Operations Task Unit*).

Durante os meses de agosto e setembro as FND na Roménia participaram em diversos exercícios, em conjunto com o Exército Francês, Romano e Polaco. Estes exercícios tiveram como objetivo testar as Técnicas, Táticas e Procedimentos e a interoperabilidade entre as Forças Aliadas, permitindo ainda a troca de conhecimento e experiências.



1 FND em contacto com a população local na RCA



Patrulhamento da 1 FND em itinerário na RCA



1FND/SOTU/ROU no CULMINATION EXERCISE, na Roménia



1FND/ROU no exercício FRENCH SCORPION, na Roménia



Exército evoca a sua História

A 21 de Agosto de 1808, no âmbito da Primeira Invasão Francesa, foi travada a Batalha do Vimeiro resultando numa marcante vitória portuguesa que contribuiu para o término dessa invasão.

A cerimónia militar, comemorativa do 214.º Aniversário da Batalha do Vimeiro, que teve lugar junto ao monumento evocativo da Batalha, no concelho da Lourinhã, no dia 21 de agosto, presidida pelo Diretor da Direção de História e Cultura Militar (DHCM), Major-General Aníbal Flambó, contou com a presença do Presidente da Câmara da Lourinhã, Engenheiro João Carvalho, entre outras entidades civis e militares.

O Cerco de Almeida ocorreu entre 15 e 28 de agosto de 1810, no início da Terceira Invasão Francesa. A praça-forte de Almeida estava sob o comando do Coronel britânico William Cox. As Forças sitiadas eram as unidades que constituíam o VI Corpo do Exército sob comando do Marechal Ney. Uma forte explosão no paiol deixou a praça sem meios de defesa e, perante a reação adversa de alguns oficiais portugueses, Cox acabou por aceitar a capitulação.

No dia 28 de agosto, o Exército, através da DHCM em conjunto com o Município de Almeida, evocou o 212.º Aniversário do Cerco de Almeida, tendo as cerimónias decorrido em vários locais daquela vila. As atividades realizadas, presididas pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General Rui Guerra Pereira, contaram com a presença do Presidente da Câmara de Almeida, Engenheiro António Machado, entre outras entidades civis e militares.



Exército solidário promove ações de dádivas de sangue

Como já vem sendo tradicional no seio da instituição castrense, o Exército Português promoveu ações de dádivas de sangue, em algumas das suas Unidades.

A 23 de agosto, o Regimento de Infantaria n.º 19, sediado em Chaves, promoveu uma ação de recolha de dádivas de sangue, em associação com o Instituto Português do Sangue e da Transplantação. A Escola de Sargentos do Exército, sediada nas Caldas da Rainha, realizou também uma ação de recolha de sangue, integrada num projeto colaborativo com a Associação de Dadores de Sangue de Caldas da Rainha e em coordenação com o Instituto Português do Sangue e da Transplantação, no dia de 31 de agosto.

Tendo como objetivo a mitigação da escassez de sangue nos bancos nacionais, os militares e civis daquelas Unidades contruíbíram, respectivamente, com 70 e 59 dádivas, com o intuito de proporcionar a melhoria da qualidade de vida das populações.



O Exército Português em eventos desportivos

A Equipa de Paraquedismo do Exército “Falcões Negros” participou na 3.ª Prova de Precisão de Aterragem da Federação Portuguesa de Paraquedismo, que decorreu no Estádio Municipal de Vinhais, nos dias 13 e 14 de agosto, em Bragança. Os “Falcões Negros” subiram ao pódio, tendo alcançado, a nível coletivo, o 3.º lugar por equipas e, a nível individual, o Sargento-Ajudante Paulo Lima conquistado o 1.º lugar da prova. Esta modalidade consiste num salto de abertura manual, a uma altitude de 1200 metros, sendo objetivo aterrar sobre um colchão que dispõe de um disco eletrónico que marca desde o zero até os 16 centímetros.

No dia 3 de setembro, no Estádio do Jamor, decorreu o Campeonato Nacional de Pistola a 50 metros, sagrando-se o Coronel de Administração Militar Godinho dos Santos campeão nacional da modalidade. Contando já com mais de 30 anos de prática de tiro desportivo em representação do Exército, das Forças Armadas e da Seleção Nacional, o Coronel Godinho Santos foi convocado pela Federação Portuguesa de Tiro para participar nos Campeonatos da Europa e do Mundo, que se realizam na Polónia e no Egito, respetivamente.

Também no dia 3 de setembro, no Restelo, teve lugar a prova *Obstacle Course Racing* LYNX RACE LISBOA, que contou com a participação de quatro elementos do Exército. A prova foi constituída por 30 obstáculos ao longo de 10 quilómetros, tendo a Furriel Lucie Teixeira conquistado o 3.º lugar no escalão dos 20-24.



Visita da Ministra da Defesa Nacional à Zona Militar dos Açores

No dia 6 de setembro, a Ministra da Defesa Nacional, Professora Doutora Helena Carreiras, acompanhada pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, visitou o Quartel-General da Zona Militar dos Açores (ZMA) e o Regimento de Guarnição n.º 2 (RG2), em Ponta Delgada, tendo sido recebida pelo Comandante da ZMA, Brigadeiro-General Costa Santos.

Após as honras regulamentares, a Ministra da Defesa Nacional assistiu a uma apresentação conduzida pelo Brigadeiro-General Costa Santos a qual teve por objetivo dar a conhecer a missão, as atividades e os desafios com que o Exército se depara nesta Região Autónoma.

No RG2, em Ponta Delgada, a Professora Doutora Helena Carreiras teve a oportunidade de assistir a uma demonstração dinâmica do Batalhão de Infantaria e dos Módulos de Intervenção em Apoio Militar de Emergência, capacidades que o Exército tem nesta região para cumprir as missões que lhe estão atribuídas, nomeadamente no apoio às populações em tempo de crise.

A terminar a visita, a Ministra da Defesa Nacional assinou o Livro de Honra da ZMA e dirigiu algumas palavras aos presentes, tendo salientado os relevantes serviços que o Exército presta na Região Autónoma dos Açores, evidenciados através da proximidade com a população, destacando ainda a oportunidade que teve em tomar conhecimento das diversas capacidades do Exército disponíveis na Região.



Evocação dos 25 militares falecidos no Combate ao Incêndio na Serra de Sintra em 1966

O Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 (RAAA1), na qualidade de herdeiro dos costumes e tradições do antigo Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa (RAAF), homenageou os 25 militares do RAAF que há 56 anos faleceram no combate a um incêndio na Serra de Sintra, numa cerimónia que decorreu no dia 7 de setembro no RAAA1, em Queluz, e na Serra de Sintra.

A cerimónia iniciou-se com a celebração de uma missa na capela do Regimento, em memória de todos os Militares que faleceram durante o combate ao incêndio.

Posteriormente, no “Pico do Monge”, na Serra de Sintra, decorreu a cerimónia militar de homenagem aos militares falecidos, seguindo-se uma romagem ao local onde foram encontrados os corpos dos militares, simbolizados, atualmente, por 25 ciprestes.

A evocação contou com a presença do Comandante da Brigada de Intervenção, Brigadeiro-General Mendes Farinha, do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Nuno Parreira, da Presidente da União de Freguesias de Queluz e Belas, Dra. Paula Alves, de elementos da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, de diversas corporações de Bombeiros e de familiares e amigos dos militares falecidos.



World Health Organization



Exército integra o *Health Security Interface – Technical Advisory Group* da OMS

O Tenente-Coronel de Medicina Veterinária Júlio Carvalho, do Exército Português, a prestar serviço na Unidade Militar Laboratorial de Defesa Biológica e Química, integra, desde o dia 8 de setembro, o *Health Security Interface – Technical Advisory Group* (HSI-TAG), que se constitui por 17 especialistas em segurança sanitária, escolhidos à escala global.

No dia 4 de setembro, o Tenente-Coronel Júlio Carvalho viu confirmado o seu nome neste grupo técnico de consulta e aconselhamento da Organização Mundial de Saúde (OMS), onde figuram especialistas da Universidade Johns Hopkins, dos Estados Unidos da América, e do King’s College, do Reino Unido, entre outras instituições de reputação internacional.

O HSI-TAG tem como finalidades identificar lacunas, vulnerabilidades, desafios e oportunidades no âmbito da segurança sanitária; prover a OMS com aconselhamento técnico e científico relevante no quadro da segurança sanitária e do trabalho realizado pela Unidade de *Biosecurity and Health Security Protection* e aconselhar a OMS sobre uma plataforma de partilha de informação, com os parceiros internacionais e outros dos setores da saúde e da segurança.



Exército Português apoia Forças Armadas da Guiné-Bissau

No âmbito da Missão de Treino Portuguesa (MTP) na República da Guiné-Bissau, três militares do Exército Português apoiam as Forças Armadas da República da Guiné-Bissau na reestruturação da rede de comunicações.

Em apoio a esta atividade, o Estado-Maior-General das Forças Armadas portuguesas cedeu um conjunto de equipamentos de comunicações, que irá equipar uma oficina de manutenção destes equipamentos, destinada igualmente a apoiar a formação dos militares guineenses, enquanto decorrem os trabalhos de reestruturação da rede de comunicações.

O empenhamento dos militares do Exército Português na MTP na Guiné-Bissau visa apoiar e capacitar os militares guineenses na formação e manutenção de equipamentos na área das Transmissões.

As Forças Armadas, nas quais se insere o Exército Português, continuam a desenvolver ações concretas, realizadas num curto espaço de tempo, que materializam uma nova visão para a Cooperação no Domínio da Defesa entre Portugal e a Guiné-Bissau.

Novo Comandante da Brigada Mecanizada

A cerimónia de Tomada de Posse do novo Comandante da Brigada Mecanizada (BrigMec), Brigadeiro-General Rebouta Macedo, que sucedeu no cargo ao Brigadeiro-General Valente Marques, decorreu no dia 16 de setembro, no Largo de São Jorge, no Campo Militar de Santa Margarida.

O Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, presidiu à cerimónia, que contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Constança, Dr. Sérgio Miguel Oliveira, e do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Mendes Ferrão, entre outras entidades civis e militares.

O Comando da BrigMec sustenta as unidades orgânicas e outras colocadas na estrutura de Comando da Brigada e prepara-se para atuar em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza. A BrigMec garante a coerência e o equilíbrio do sistema de forças nacional, afirmando-se como a Força Decisiva, pela sua aptidão para atuar em todo o espectro da conflitualidade, com destaque para o combate em ambiente de alta intensidade e operações de resposta a crises.

12.



Projeção da Força de Reação Rápida da 11.ª Força Nacional Destacada na República Centro-Africana

O Campo Militar de Santa Margarida

“Nas Armas e na Paz”, ao longo de quase sete décadas, o Campo Militar de Santa Margarida e a Grande Unidade nele sediada contribuem para o treino e o aprontamento das Forças Nacionais

Texto : Capitão de Infantaria Nuno Ribeiro

Comandante da Companhia de Comando do Batalhão de Comando e Serviços do Campo Militar de Santa Margarida



Desde que em 1953 Forças Militares se sediaram em Santa Margarida da Coutada (Constância) que a região tem sido um local de formação, treino e preparação de Forças para projeção para diversos Teatros de Operações. A área tem sido também usada para treino de forças combinadas e conjuntas, criando sinergias, através da partilha de experiências e aprendizagem entre forças nacionais e internacionais. As características da vegetação, do terreno e do clima criam as condições perfeitas para o pla-



Avenida Dom Nuno Álvares Pereira, Campo Militar de Santa Margarida

neamento e execução das mais variadas ações de treino, conjugando a componente terrestre e a componente aérea no mesmo local, com o mínimo de restrições.

A dimensão da área militar permite a colocação de diversas Forças no terreno em simultâneo permitindo a execução de exercícios com distâncias o mais possível aproximadas do doutrinário. Apesar de ao longo dos anos ter sofrido várias denominações e reestruturações, o objetivo final sempre foi o aproveitamento da região para formação e treino de forças militares. Sendo uma das maiores instalações militares da Europa, a maior

instalação militar portuguesa em termos de guarnição e a segunda maior em termos de área ocupada, com uma área total superior ao Estado de San Marino, sendo apenas suplantada pelo Campo de Tiro de Alcochete.

Uma retrospectiva

O Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) está intimamente ligado ao facto de Portugal ter sido membro fundador da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1949. Nessa altura sentiu-se a necessidade da criação de uma área de instrução

O Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) está intimamente ligado ao facto de Portugal ter sido membro fundador da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1949. ”

com dimensão suficiente para o treino de Unidades de armas combinadas de escalão Divisão.

Em 1951, é decidida a construção do Campo de Instrução Divisionário em Santa Margarida da Coutada (concelho de Abrantes). Os trabalhos de organização do terreno, realizados pela Engenharia Militar, tiveram início em 1952, com vista à preparação de uma área de treino para uma Divisão de Infantaria. Em 1953, em consequência da necessidade de manutenção das infraestruturas que foram sendo construídas, é criado oficialmente o Campo de Instrução Militar de Santa Margarida (CIMSM), que integrava uma Unidade Territorial designada por Destacamento do Campo.

Segundo um artigo da *Revista Militar* do ano de 1953 a “escolha do lugar de construção deveu-se a cinco critérios:

- proximidade de vias de comunicação rodoviárias e ferroviárias;
- terreno pobre, para não onerar o preço total com grandes custos de aquisição, e pouco acidentado para reduzir tanto quanto possível os movimentos de terras, sempre dispendiosos;
- região afastada de povoações e em cujas proximidades se possam realizar à vontade exercícios de todas as armas de uma Grande Unidade;
- se possível, na proximidade de zona já servida pela rede elétrica nacional;
- ficar próximo de um campo de aviação.”

Nessa sequência, o Quartel-General da Divisão Nun’Álvares Pereira instala-se no CIMSM em 1957.

Até ao início da década de 1960 o campo é utilizado da forma para o qual foi concebido, realizando-se manobras e ações de instrução de Grandes Unidades em situações de guerra convencional e nuclear.

A partir de 1961, com o eclodir da guerra nas antigas colónias, o Destacamento do Campo prestou larga contribuição à preparação e treino operacional dos Batalhões mobilizados.

Com o fim da Guerra Colonial e a alteração das necessidades militares portuguesas e da OTAN, é decidida a extinção da Divisão Nun’Álvares (3.^a Divisão de Infantaria) e a criação, em 1976, da 1.^a Brigada Mista Independente (1BMI). Nesse âmbito é decidida também a alteração da sua utilização. Até essa altura a maioria das Unidades operacionais estavam aquarteladas fora do campo e só se deslocavam para o local para a realização de exercícios. A partir daí começa a progressiva instalação em aquartelamentos no interior do CIMSM das Unidades operacionais da 1BMI. Entre 1979 e 1990 a 1BMI participa em mais de três dezenas de exercícios internacionais, ficando este período marcado pela intensidade de intercâmbios militares com os Exércitos britânico, espanhol, italiano e norte-ame-



Sessão de Treino Físico



A partir de 2014, com a alteração do conceito estratégico por parte da OTAN, iniciou-se uma nova fase, com a participação de forças em exercícios internacionais em grande escala.”



Atividades de navegação terrestre

ricano. O Campo Militar desempenhou um papel de relevo, ao receber anualmente, para realização de exercícios, forças do Exército britânico, que permaneciam várias semanas instaladas no Quartel da Pucariça que, por essa altura, recebeu também a designação sugestiva de “Quartel dos Ingleses”.

Após a reestruturação, a BMI passou a designar-se Brigada Mecanizada (BrigMec), sendo entre 2001 e 2010 o principal foco da BrigMec o aprontamento e projeção de unidades constituídas como Forças Nacionais Destacadas (FND). A partir de 2014, com a alteração do conceito estratégico por parte da OTAN, iniciou-se uma nova fase, com a participação de forças em exercícios internacionais em grande escala. Em 2015, realizou-se um exercício de maior dimensão e visibilidade, o TRIDENT JUNCTURE 15, no período de 28 de setembro a 6 de novembro, envolvendo toda a estrutura de comando da Aliança. Um dos locais que acolheu as duas fases do exercício foi a área militar do CMSM, ao mesmo tempo que a BrigMec participou com o seu Comando e Estado-Maior e com as suas subunidades.

Missão

Por despacho do General CEME, é criado em 2 de

fevereiro de 2016 o Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), com estrutura equiparada a um Regimento, sendo definido que o seu dia festivo será anualmente comemorado a 3 de outubro, atendendo a que nesta data, no ano de 1953, foi içada pela primeira vez em Santa Margarida a Bandeira Nacional, no então Quartel General da 1.ª Divisão do Corpo Expedicionário Português (CEP).

O CMSM assegura o apoio administrativo-logístico e o apoio à formação e ao treino operacional das unidades militares implantadas na área de Santa Margarida.

O CMSM presta ainda apoio a Unidades externas à BrigMec, com cedência de infraestruturas, confeção da alimentação e apoio à formação.

As infraestruturas de instrução e treino existentes na área da BrigMec encontram-se todas sob a gestão e manutenção do CMSM.

É de salientar as infraestruturas mais utilizadas e solicitadas para exercícios:

- o Quartel da Pucariça, para aquartelamento aquando dos exercícios realizados na região, constituído por várias tipologias de edifícios, desde edifícios



Formação em sala de aulas



Posto de Comando Tático

- para alojamento de militares, edifício para gabinetes e posto de comando, messe/refeitório com cozinha de apoio, sala para refeições e bar, balneários;
- a área da Valeira Alta e do Monte Novo, com as duas infraestruturas localizadas mais a sul na área militar e que servem em muitas ocasiões como local de reunião em exercícios, constituída por três edifícios para alojamento, banhos e instalações sanitárias e ainda um refeitório;
- o Quartel Mestre D’Avis, uma infraestrutura mais rudimentar e sem infraestruturas de alvenaria, pronta a adaptar-se a qualquer força que a ocupe, servindo ao longo dos anos como Grande Alto em Operações Ofensivas, área de Apoio de Serviços em Operações Defensivas e Quartel-General em Operações de Apoio à Paz;
- a Unidade de Apoio à Formação, Treino Operacional e Simulação (UAFTOS), localizada nas instalações do extinto 2.º Batalhão de Infantaria

Mecanizado (2BIMec), constituída por todas as infraestruturas necessárias para a vida diária de um batalhão mecanizado, com alojamentos, messes, gabinetes, edifício de comando, oficinas, arrecadações de material de guerra, depósitos, instalações desportivas e bares. A dimensão e valência da UAFTOS permitem que seja utilizada para a realização da formação e para apoio a unidades externas;

- a Pista de Aviação, infraestrutura usada cada vez com mais frequência em exercícios com meios aéreos.

Para apoio à formação e treino o CMSM tem ainda à sua responsabilidade as carreiras de tiro, o pavilhão gimnodesportivo e todas as áreas de instrução da BrigMec.

Apoio à Formação

A UAFTOS/CMSM é levantada e constituída quan-



Sapadores em formação no âmbito da desminagem

do determinado superiormente, e constitui-se como polo de formação no âmbito do Sistema de Instrução do Exército (SIE) para a componente específica da instrução¹, que incorpora a formação necessária

à satisfação das necessidades do Exército, visando o desempenho eficiente e eficaz das tarefas atribuídas aos militares. A formação ministrada tem como objetivo geral a aquisição e desenvolvimento de competências, visando a preparação dos militares para o desempenho de cargos e exercício de funções, concretizando-se em percursos formativos estruturados, nomeadamente as tipologias de Formação Inicial de Praças e Cursos de Promoção a Cabo (CPCb).

Desde a sua formação já se desenrolaram na UAF-TOS mais de uma dezena de CPCb, Cursos de Formação Geral Comum de Praças do Exército, em que 131 formandos concluíram a sua formação e ingressaram nas fileiras do Exército e um Curso de Formação de Sargentos em Regime Voluntariado/Regime Contrato concluído por 109 formandos.

Para além destes Cursos iniciais e de promoção, as instalações da UAFTOS servem de alojamento e local de treino para várias Forças externas à BrigMec, sendo elas provenientes da Brigada de Intervenção, da Brigada de Reação Rápida, da Escola das Armas, da Escola de Sargentos do Exército e da Academia Militar.



Carros de Combate LEOPARD 2 A6 em carreira de tiro



Instrução em carreira de tiro

Estruturas de apoio ao Tiro

As várias Carreiras de Tiro (CT) à responsabilidade do CMSM permitem o treino de tiro e armamento para todos os sistemas de armas existentes no Exército Português, sendo assim uma região com características únicas em Portugal.

As CT permitem a formação e desenvolvimento das capacidades de tiro dos militares, desde o primeiro contacto com a arma e a primeira sessão de tiro realizada, passando pelo tiro em parelha, tiro de secção e com a possibilidade de tiro em Pelotão.

Existem atualmente sob a responsabilidade do CMSM quatro CT operacionais, estando ainda disponível mais uma para uso restrito do Regimento de Comandos aquando a realização da Pista Individual de Combate.

A CT A, sendo a mais utilizada, permite efetuar tiro até aos 300 metros, montagem de 14 linhas em simultâneo, e a realização das tabelas de tiro para pistola até nove milímetros, espingarda e metralhadora até 7,62 milímetros. É maioritariamente utilizada para tiro individual, a curtas ou mais longas distâncias, permitindo o melhoramento individual do militar.

A CT A4 é maioritariamente utilizada para tiro de pistola, seja pela sua infraestrutura própria, seja pelo facto de apenas permitir realizar tiro até aos 50 metros e montagem máxima de 12 linhas de

tiro em simultâneo. É constituída por um telheiro na linha dos 50 metros, que proporciona mais conforto e permite a realização de tiro em condições atmosféricas adversas, assim como tiro de precisão de pistola e armas de calibre mais baixo.

Existe ainda a CT A6, exclusiva para lançamento de granadas de mão de qualquer tipo.

A Carreira de Tiro A7, também vulgarmente conhecida como Dom Pedro (por se localizar no marco geodésico com o mesmo nome), é a infraestrutura da Brig-Mec mais utilizada, mais solicitada e mais reconhecida no CMSM.

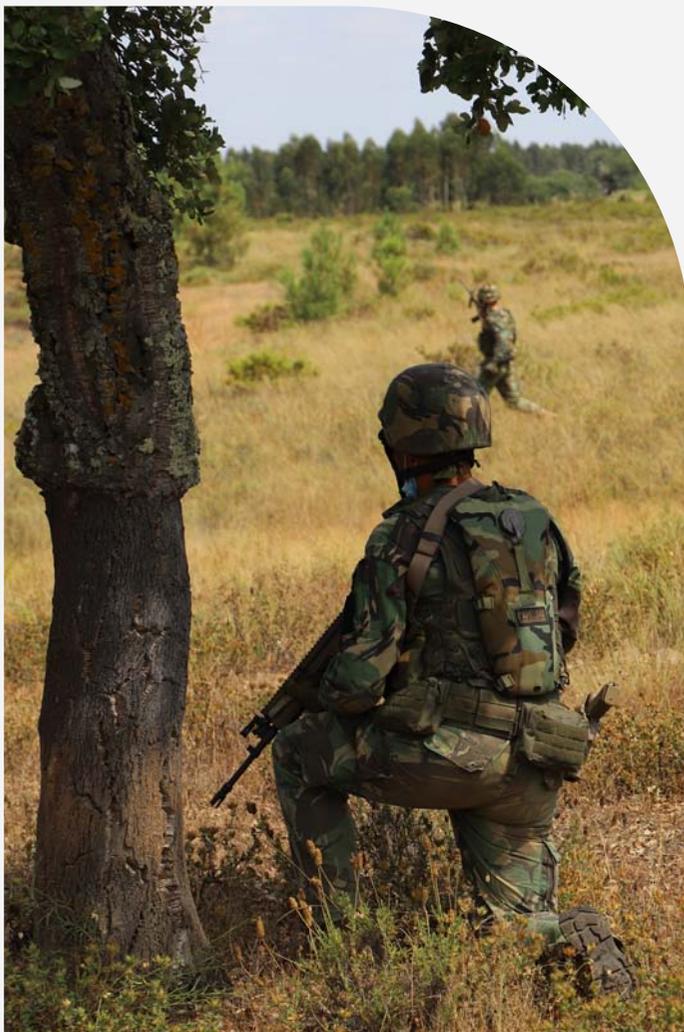
Constitui-se como infraestrutura por excelência para a realização de *Live Fire Exercise*² (LFX), demonstrações de meios e capacidades, com possibilidade de visualização com as distâncias o mais aproximadas possível do real, movimentos de viatura sincronizados com tiro real, possibilidade de rebentamentos de engenhos explosivos, lançamento de granadas de fumo, fogo em movimento, disparos de carros de combate, morteiros e peças de artilharia, e pedidos de Apoio Aéreo Próximo (*Close Air Support / CAS*) durante exercícios com a Força Aérea.



Formação em Técnicas, Táticas e Procedimentos

Ao longo de quase sete décadas, o CMSM e a Grande Unidade nele sediada, fosse inicialmente a 3.^a Divisão do CEP, seja hoje a BrigMec, constituíram a ponta de lança do Exército como contributo cimeiro para a Aliança Atlântica. Santa Margarida foi polo de modernidade e de dinamismo, tendo-se convertido, muito rapidamente, na “escola de armas combinadas” do Exército Português. Independentemente da idade e condições de serviço de alguns equipamentos ainda em atividade, o Campo Militar continua a ser um espaço de treino ímpar em Portugal.

Em conclusão, é justo dizer que o CMSM é efetivamente uma área que desde a sua formação contribuiu para a formação, o treino, o desenvolvimento e moder-



Técnica Individual de Combate

Preparação de munições de artilharia



nização do Exército Português. Desde a sua criação, que o principal objetivo sempre foi a formação, a cooperação e a obtenção de sinergias, seja com as várias Unidades que se deslocavam para o local para a realização de exercícios, seja para forças internacionais que vinham a Portugal para partilha de conhecimento e experiência.

Com as constantes mudanças no contexto internacional que levam a alterações do conceito estratégico da OTAN, o CMSM adaptou-se sempre de forma pronta e proativa, nunca perdendo o foco da sua missão inicial, a formação e treino.

Constituindo-se na atualidade como uma referência a nível nacional e internacional, o CMSM através das suas infraestruturas e organização, contribui efetivamente para a formação, colocando-se sempre à disposição para “assegurar o apoio administrativo-logístico, e o apoio à formação e ao treino operacional de todas as unidades militares” que por lá passam, desde a formação inicial do militar até à sua integração numa força de maior dimensão. *J.E*

¹ PDE 7-00 Sistema de Instrução do Exército - Ensino, Formação e Treino, de abril de 2020, páginas 1-2, 1-3 e 1-4.

² *Live Fire Exercise* - exercício militar em que são disparadas munições reais

Fotografias : Alferes em Regime de Contrato J. Paulo

Viaturas Blindadas de Rodas

A Força e Proteção em Movimento

Conferir às forças militares mobilidade no terreno, capacidade de transporte, proteção e poder de fogo foi, ao longo dos tempos, um objetivo cuja prossecução se mantém na ordem do dia

Texto : Tenente de Comunicação Social
em Regime de Contrato Jaime Pereira
Redator do *Jornal do Exército*



Há 120 anos, na Inglaterra, era apresentada ao público uma viatura estranha com a parte superior aberta e a aparência de uma banheira invertida. Tratava-se do SIMMS MOTOR WAR CAR, um dos primeiros protótipos – de que há registo na Europa – de uma Viatura Blindada de Rodas (VBR). Possuía três metralhadoras e apresentava uma caixa de quatro velocidades que lhe permitia atingir, para um peso superior a cinco toneladas, uma velocidade de 14 km/h. Demasiado lenta, demasiado pesada e muito pouco fiável, esta viatura não cativou a maior parte das chefias militares da época.

Apesar das dificuldades inicialmente sentidas no seu



Protótipo do SIMMS MOTOR WAR CAR apresentado em Londres, 1902

desenvolvimento, o conceito da VBR chegou até aos dias de hoje, onde é possível observá-lo em todos os exércitos do mundo, nomeadamente no português.

O Exército, na última década, tem tido ao seu dispor diversos modelos de VBR em diferentes tipologias, nomeadamente: PANHARD M-11 ML, HMWWVEE, PANDUR II 8x8 e URO VAMTAC ST5.

PANHARD ULTRAV M11 D 4X4 M/89-91

A PANHARD ULTRAV M11 é uma Viatura Tática Ligeira Blindada (VTLB) que tem a sua origem na versão de exportação do PANHARD VÉHICULE BLINDÉ LÉGER desenvolvido em França para o Exército dos Estados Unidos da América. Esta viatura

no Exército Português apresenta duas configurações diferentes: Combate e Reconhecimento, podendo ser equipada com metralhadora ligeira¹ ou pesada², sistema de míssil guiado e radar de vigilância do campo de batalha³. Realça-se o facto de ter três tripulantes na sua guarnição e ser capaz de atingir uma velocidade máxima de 110 km/h, apresentando, ainda, características anfíbias (com velocidade de 5,4 km/h na transposição de cursos de água). Devido às suas reduzidas dimensões pode ser facilmente transportada ou largada por meios aéreos.

Esta viatura marcou presença internacional ao serviço do Exército Português no Kosovo e no Afeganistão. Encontra-se ao serviço desde 1981.

HMMWV

O *High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle*⁴ (HMMWV) é uma VTLB de transporte de pessoal fabricada pela empresa americana AM GENERAL LLC. A primeira versão destas viaturas esteve presente na Força Nacional Destacada (FND) da UNTAET⁵ e, com blindagens adicionais, equiparam Unidades da Brigada de Reação Rápida (BrigRR), tendo sido utilizadas nos Teatros de Operações do Afeganistão e República Centro-Africana.

No Exército Português esta viatura tem quatro configurações distintas: Básica, Operações Especiais, Ambulância e Comunicações. Pode ser equipada com diferentes tipos de armamento, tais como, metralhadora ligeira ou pesada, sistema de míssil guiado e, ainda, equipamentos diversos, dos quais se salientam inibidores de frequências⁶, que no Afeganistão foram imprescindíveis na segurança dos deslocamentos terrestres. Apresenta 113 km/h de velocidade máxima e encontra-se ao Serviço do Exército Português desde 2006.

URO VAMTAC ST5

A viatura VAMTAC ST5 é uma VTLB de fabrico espanhol⁷ que recentemente chegou ao Exército a fim de equipar a BrigRR e as FND, como é o caso do contingente em missão na República Centro-Africana ao serviço da Missão das Nações Unidas, contribuindo para a mobilidade tática e proteção da força.

A VAMTAC ST5 do Exército Português tem seis configurações diferentes: Básica, Comando, Operações Especiais, Equipa Médica de Emergência e Reanimação, Ambulância tipo I e Ambulância tipo II. Como



Viatura Blindada de Rodas PANHARD ULTRAV M11D

principais características, a VAMTAC ST5 é uma viatura com tração integral e suspensões independentes, adequada para uso em condições extremas em todo-o-terreno e proteção específica contraminas e engenhos explosivos improvisados.

Esta viatura encontra-se ao Serviço do Exército desde 2020 e pode ser equipada com diverso armamento, tal como metralhadora ligeira ou pesada, sistema de míssil guiado e ainda diversos equipamentos de comunicações, vigilância e proteção. Pode atingir uma velocidade máxima de 100 km/h.

Em meados de 2000, o Estado-Maior do Exército coordenou estudos com vista a avaliar a evolução dos armamentos de vários países e as tendências dos fabricantes, a partir dos quais foi planeada a substituição da viatura CHAIMITE V-200⁸, cujas capacidades técnico-operacionais já se mostravam insuficientes. A escolha recaiu numa viatura dotada com oito rodas motrizes, cujas características possibilitam, através seu emprego, a necessária flexibilidade às forças médias, facultando-lhes mobilidade tática terrestre e uma adequada proteção blindada.

PANDUR II 8x8

Esta viatura, desenvolvida para Portugal pela empresa austríaca

STEYR-DAIMLER-PUCH SPEZIALFAHRZEUG GMBH⁹ (SSF), teve, na sua génese, a estreita colaboração do Exército Português e, no seu processo de fabrico e manutenção¹⁰, envolveu a indústria nacional, entrando ao serviço em 2009. Apresenta uma silhueta reduzida que possibilita o seu transporte por aeronaves semelhantes ao HERCULES C 130 e pode atingir uma velocidade máxima de 105 km/h.

Esta viatura está disponível nas seguintes versões:

- Transporte de Infantaria (*Infantry Carrier Vehicle / ICV*) - equipada com uma metralhadora de calibre pesado podendo, em sua alternativa, possuir uma metralhadora ligeira e um equipamento lança-granadas. Como opção poderá dispor de um sistema remoto que permite operar o armamento a partir do seu interior através de um comando elétrico, tendo, neste particular, a designação *Remote Weapon Station / RWS*;
- Combate de Infantaria (*Infantry Fighting Vehicle / IFV*) - dotada de um canhão automático de 30 mm associado a um sistema de estabilização e de seguimento automático e, ainda, com metralhadora coaxial e metralhadora em reparo localizada na torre, ambas de calibre ligeiro;
- Comunicações (*Communications Vehicle / CV*): concebida para dotar as forças com maior capacidade de Comunicações nos Teatros de Operações (TO) onde são empenhadas;
- Posto de Comando (*Command Post Vehicle /*



Viatura Blindada de Rodas HMMWV



Viaturas Blindadas de Rodas: URO VAMTAC ST5 e PANDUR II 8x8

- CPV): equipada para garantir maior capacidade de Comando e Controlo de uma força, possuindo instrumentos e comandos úteis à execução do mesmo;
- **Reconhecimento** (*Reconnaissance / REC*): idealizada para dotar as forças com maior capacidade de vigilância dos TO onde são empenhadas, integrando sistemas de radar e sensores. Apresenta como armamento principal uma metralhadora ligeira;
 - **Anticarro** (*Anti-Tank Guided Missile / ATGM*): concebida para dotar as forças com maior capacidade de poder de fogo, contra outras viaturas blindadas nos TO onde são empenhadas, contando no seu armamento com um sistema de míssil guiado;
 - **Recuperação e Manutenção** (*Recovery / RV*): desenvolvida para dotar as forças com capacidade de recuperação e manutenção de outras viaturas da família PANDUR nos TO onde são empenhadas, contando para isso com diversos equipamentos específicos da função logística manutenção. Possui como armamento principal uma metralhadora ligeira;
 - **Apoio Sanitário** (*Medical Evacuation / MEV e Ambulance / AMB*): duas versões distintas concebidas para dotar as forças com capacidade de evacuação sanitária dos seus militares dos TO onde são empenhadas. Encontrando-se a grande diferença entre ambas as configurações no facto de a AMB se encontrar totalmente equipada, com

todos os dispositivos médicos que permitem a estabilização e primeiros cuidados de socorro, ao invés da MEV, que é utilizada para uma evacuação mais rápida.

As viaturas da família PANDUR equipam as Unidades da Brigada de Intervenção e marcaram presença nos TO do Kosovo e Lituânia, estando atualmente ao serviço das FND em Missão na República Centro-Africana e na Roménia. JE

¹ Calibre 7,62 mm.

² Calibre 12,7 mm.

³ Com a designação AN/PPS-5B.

⁴ Veículo multiuso de rodas com elevada mobilidade.

⁵ *United Nations Transitional Administration in East Timor (UNTAET)* – Missão das Nações Unidas em Timor-Leste.

⁶ Vulgarmente designados por “empasteladores” (JAMMERS), a sua utilização devidamente planeada dificulta a ignição de explosivos através do emprego de equipamentos rádio.

⁷ Empresa URO, Vehículos Especiales, S.A. (UROVESA).

⁸ Esta viatura foi desenvolvida com base na viatura americana V-100 CO-MANDO (produzida pela empresa CADILLAC-GAGE) em finais da década de sessenta. Envolveu a indústria nacional, nomeadamente, a empresa BRAVIA SARL, Sociedade Luso-Brasileira de Viaturas e Equipamentos, fundada pelo Major Donnas-Botto em 1967, e, ainda, a empresa SOREFAME (Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas) no fabrico de cascos blindados.

⁹ Posteriormente adquirida pelo consórcio americano da *General Dynamics Land Systems*.

¹⁰ Empresa FABREQUIPA e Oficinas Gerais de Material de Engenharia.

Viatura PANHARD ULTRAV M11 D



Evitar a Surpresa e Reduzir as Incertezas

O Agrupamento de Informações, Vigilância, Aquisição de Objetivos e Reconhecimento (AgrI STAR), pelas suas valências, é uma importante valia em todas as fases das operações militares

Texto : Primeiro-Sargento de Cavalaria João Cheira

Sargento-Adjunto HUMINT do Pelotão HUMINT/CI¹ do AgrI STAR do Regimento de Cavalaria n.º 3

A complexidade dos conflitos modernos e dos atuais cenários requer informações como um requisito crítico e indispensável para as operações, em todas as suas fases, em lugar de um simples meio de identificação dos obstáculos. Atualmente o fluxo de dados e notícias que chegam a todo o instante através das diferentes fontes (Órgãos de Comunicação Social - OCS, forças no terreno, imagens de satélite, etc...) é avassalador e, devido a esse facto, muitas vezes, perdem a sua validade e preponderância.



O Comando do AgrISTAR tem capacidade para gerir todo o ciclo de produção de informações (...)"

É neste sentido que o AgrISTAR, sediado no Regimento de Cavalaria n.º 3 (RC3), desde 13 de maio de 2015, surge como uma mais-valia e um elemento diferenciador, em todas as fases das operações militares, desde o planeamento até à operação decisiva.

O Comando do AgrISTAR tem capacidade para gerir todo o ciclo de produção de informações, isto é: organizar e orientar o esforço de pesquisa e as necessidades de informação; coordenar e dirigir os seus sensores orgânicos e não orgânicos; solicitar informação ao escalão superior ou a outras origens/órgãos de informações; elaborar produtos de informação relevantes; difundir os mesmos, em tempo oportuno, com segurança e apenas a quem deles necessitar. Este apoio pode ser feito ao nível de uma Brigada ou, em caso de necessidade, a uma



Unidade de Escalão Batalhão (UEB), no cumprimento de uma missão específica, providenciando um apoio proporcional de todas as suas valências.

Nas instalações do RC3, em Estremoz, encontram-se, atualmente, o Comando do AgrISTAR, a Companhia de Comando e Controlo (*Intel Fusion*), o Esquadrão de Reconhecimento, o Pelotão HUMINT/CI¹ e a Companhia de Comando e Serviços.

Recentemente equipada com quatro contentores tácticos (*Shelters*), a Companhia de Comando e Controlo tem a capacidade de operar em qualquer localização, conforme as necessidades da unidade apoiada, garantindo postos de trabalho seguros e tecnologicamente evoluídos. Cada um desses contentores integra cinco postos de trabalho, onde se inclui todo o equipamento informático, necessário à condução das operações e ligação, quer à rede segura, quer à rede aberta, o que, tendo em conta grande variedade de fontes de dados e notícias, e a necessidade de os processar, validar e disseminar, constitui uma condição indispensável a este equipamento.

O Pelotão HUMINT/CI tem à sua disposição equipamentos de captura e gravação de som e imagem, bem como equipamentos informáticos que permitem a elaboração de produtos de informação completos e detalhados, culminando o processo com a sua dissemi-



Contentores Tácticos do Comando e Controlo do AgrISTAR



Célula de Comando e Controlo (*Intel Fusion*)

nação para a Companhia de Comando e Controlo (*Intel Fusion*). No entanto, é na área da formação e na participação dos seus elementos em diferentes séries de exercícios nacionais e internacionais que o Pelotão HUMINT/CI mais se distingue. Durante a participação em exercícios como o ORION, de nível Exército, mais direcionado para a recolha de informações, em cenário de conflito do Artigo 5.º da NATO, ou com a participação no exercício DOBLE LLAVE, em Espanha, mais direcionado para a recolha de informações em ambiente subversivo, os elementos deste Pelotão adquirem uma compreensão e uma visão mais abrangente do ambiente operacional, adquirindo experiências que vão melhorar o seu desempenho, quer face a uma ameaça de cariz convencional, quer face a ameaças de natureza assimétrica.

Também sediado no RC3, encontra-se o Esquadrão de Reconhecimento, o qual se

A capacidade ISTAR, (...) tem vindo a evoluir nos últimos anos (...) de forma a que num curto/médio prazo se possa consolidar, assumindo-se como um elemento diferenciador do Exército Português.”

encontra em processo de modernização. Esta subunidade, já equipada com o novo armamento individual, aguarda a substituição das viaturas PANHARD M11, que embora já contem com cerca de trinta anos ao serviço do Exército Português, tanto em Território Nacional, como nos Teatros de Operações (TO) do Kosovo e Afeganistão (equipadas com o Rádio E/R VRC-525), continuam a garantir a capacidade anfíbia. A alta mobilidade, versatilidade e discrição deste Esquadrão de Reconhecimento são as características que melhor satisfazem as necessidades de uma UEB de tipologia ISTAR.



Esquadrão de Reconhecimento do AGRISTAR em patrulha



Esquadrão de Reconhecimento do Agrupamento ISTAR

A necessidade de atualização dos equipamentos deve-se principalmente à necessidade de modernização e substituição dos radares, câmaras térmicas e aparelhos de visão noturna e diurna, que permita a interoperabilidade com os restantes sistemas mais atuais, garantindo, desta forma, uma melhoria permanente no cumprimento da sua missão.

Mais recentemente, o AgrISTAR, durante a sua participação no Exercício ORION22, contribuiu de forma direta para o esforço de pesquisa da Brigada Mecanizada, disponibilizando produtos de Informações para o Processo de Decisão Militar e para a construção da Imagem Operacional Comum. Esta capacidade exige conhecimento do dispositivo, dos meios e das possíveis intenções do inimigo, bem como dos fatores físicos, meteorológicos e socioeconómicos que moldam o ambiente do TO, permitindo um planeamento e conduta das operações mais eficiente e eficaz.

Como grande mais-valia deste Agrupamento, na recolha de notícias e dados, destaca-se o fator humano (o conhecido *boots on the ground* - tropas no terreno). Os militares que nele serviram e servem atualmente receberam e aceitaram o desafio de formar uma unidade única no nosso Exército, desenvolvendo-a com o seu esforço e dedicação ao longo dos últimos sete anos, com um elevado espírito de iniciativa, procurando sempre a melhor solução para cumprir a sua missão. A capacidade ISTAR, sediada no Regimento mais antigo do nosso Exército em atividade contínua, tem vindo a evoluir nos últimos anos e é esperado que assim continue, de forma a que num curto/médio prazo se possa consolidar, assumindo-se como um elemento diferenciador do Exército Português. *JE*

¹ HUMINT/CI: Recolha de informação através de meios humanos e contrainformação.

Exercício FALCON LEAP 22

O exercício FALCON LEAP 22 é um exercício multinacional, onde, para além do treino operacional, foi evocada a Operação MARKET GARDEN, ocorrida há 78 anos, no decurso da II Guerra Mundial

Texto : Tenente de Comunicação Social
em Regime de Contrato Jaime Pereira
Redator do *Jornal do Exército*

FALCON LEAP, um nome que nos últimos anos tem vindo a ficar na memória de quem segue com alguma atenção as atividades militares na Europa. Trata-se da designação de um grande exercício internacional que se realiza anualmente no âmbito da NATO, caracterizado por um elevado grau de interoperabilidade ao nível das Táticas, Técnicas e Procedimentos, envolvendo grande quantidade de meios aéreos,



lançamento de tropas paraquedistas, lançamento de cargas e, ainda, um intenso planeamento nos meses que o antecederam.

Este ano, o exercício FALCON LEAP 22 organizado pela 11ª Brigada Aeromóvel do Exército Real dos Países-Baixos (11 *Air Assault Brigade*), decorreu entre 6 e 18 de setembro, na região de Ede, desse país.

Como curiosidade, salienta-se o facto deste exercício, para além de ter propósitos no âmbito do Treino

Operacional, servir, igualmente, para relembrar um pouco da História que se viveu na 2.ª Guerra Mundial, nomeadamente a Operação MARKET GARDEN que foi conduzida pelas forças dos Países Aliados.

Esta operação, imortalizada pela indústria cinematográfica, ocorreu de 17 a 25 setembro de 1944 e tinha como objetivo conquistar um conjunto de pontes que estando sob o controlo das forças inimigas impediam às Forças Aliadas uma rápida progressão, atravessan-

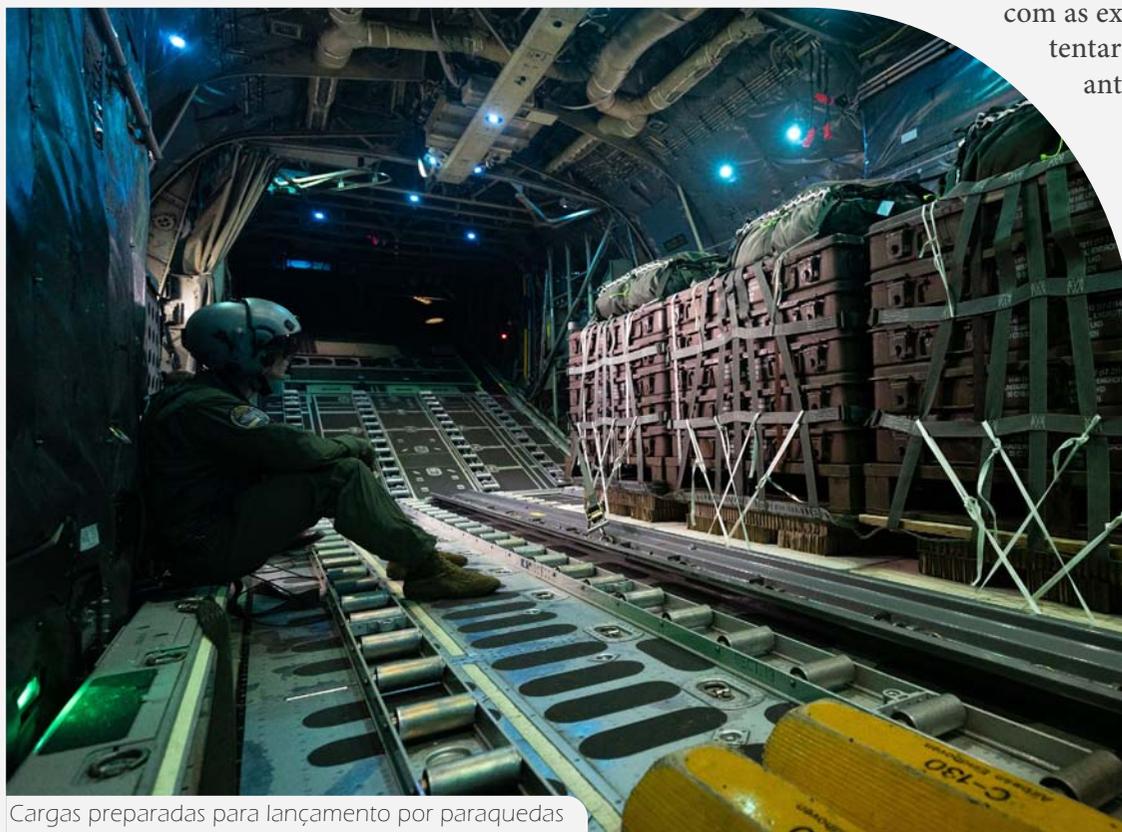
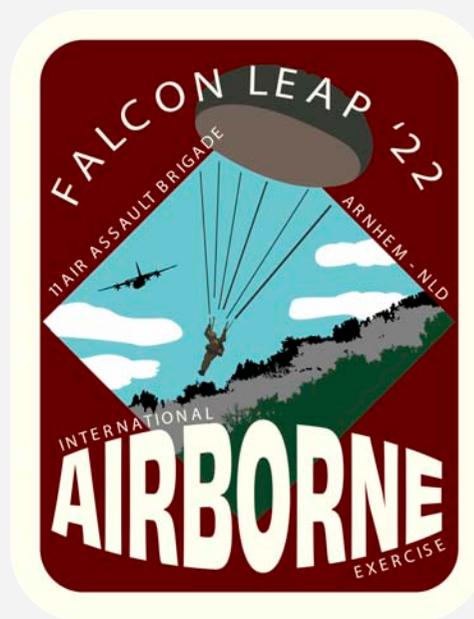
... um grande exercício internacional (...), caracterizado por um elevado grau de interoperabilidade (...), envolvendo (...) lançamento de tropas paraquedistas, lançamento de cargas e, ainda, um intenso planeamento nos meses que o antecederam.”

do o rio Reno, até ao “coração industrial” da, então, Alemanha Nazi. Com o fim de conquistar as referidas infraestruturas rodoviárias, foram projetadas por meios aéreos largas dezenas de milhares de combatentes, dos quais cerca de 41 000 foram lançados de paraquedas.

No final desta Operação, as baixas do lado aliado

foram elevadas e os Aliados acabaram por fracassar na conquista dos seus objetivos, uma vez que os bastiões de defesa alemães permaneceram relativamente firmes, só cedendo por completo em março de 1945. O fracasso da Operação MARKET GARDEN, com a perda de milhares de vidas humanas e a destruição de um elevado número de equipamentos, acabou com as expectativas dos Aliados de tentarem acabar com a guerra antes do natal de 1944.

Assim e com o propósito de se manter bem vivo na memória de todos este dramático período que se viveu na Europa, várias celebrações ocorreram ao longo das duas semanas agendadas para o exercício, de forma a homenagear o 78º aniversário da Operação MARKET GARDEN, a qual é considerada, de uma forma unânime, uma das maiores Operações Aero-transportadas da História, tendo sido, para o efeito, efetua-



Cargas preparadas para lançamento por paraquedas

do um lançamento de 1000 paraquedistas para as zonas de lançamento utilizadas nesta histórica operação.

Do ponto de vista do Treino Operacional, este ano, o exercício FALCON LEAP 22 voltou a assumir-se como o principal exercício de tropas paraquedistas que integram a NATO, envolvendo cerca de mil operacionais, oriundos de diversos países: Alemanha, Bélgica, Espanha, Estados Unidos da América, França, Grécia, Itália, Chéquia, Reino Unido, Países-Baixos, Polónia e Portugal.

Os principais objetivos deste exercício, à semelhança dos anos anteriores, foram estabelecidos no âmbito do planeamento conjunto e condução de Operações de Assalto Aéreo por inserção no terreno de pessoal e material, através de lançamento em paraquedas, bem como o treino da interoperabilidade entre Forças congéneres Paraquedistas dos Países Aliados.

Do ponto de vista da representação nacional, esta esteve a cargo da Brigada de Reação Rápida, através de uma Força de Paraquedistas do Batalhão Operacional



Lançamento de cargas

Aeroterrestre do Regimento de Paraquedistas, que participou nesta edição do exercício com um Destacamento Operacional, que integrou as capacidades de Abastecimento Aéreo para lançamento de cargas e Precursores Aeroterrestres para operação de zonas de lançamento, e ainda uma equipa para operação de Base de partida e apoio ao lançamento de pessoal em paraquedas. *J&E*



Lançamento de tropas paraquedistas

Demonstração de combate em ambiente urbano



Arma de Infantaria

A “Rainha das Armas”

A Arma de Infantaria, ao longo dos séculos, tem-se constituído como um pilar fundamental do Exército, onde quer que atuem forças terrestres

Texto : Técnica Superior Ana Rita Carvalho
Redatora do *Jornal do Exército*

Tão antiga quanto as sociedades humanas, a guerra é uma atividade universal, documentada em todos os povos, regiões e culturas, e cuja origem se perde na noite dos tempos, envolvendo atores que vão desde grupos armados, rebeldes ou insurgentes, a grupos tribais, estados ou alianças de estados, até à designada “Guerra Total”, um conflito em massa que extravasa os alvos militares ou combatentes e a própria noção de legitimidade, geralmente associada também ao contexto e às motivações do conflito, que podem ser de variadíssima natureza.

Um marco histórico para a Infantaria portuguesa foi a Batalha de Aljubarrota, travada em 14 de agosto de 1385, e que se celebrizou porventura como a vitória militar mais expressiva da História de Portugal. Esta data memorável foi consagrada como Dia da Arma de Infantaria, através da Portaria n.º 11044, de 30 de julho de 1945, do Ministro da Guerra, após o parecer da Comissão de História Militar. Pela mesma Portaria foi designado como patrono da Arma de Infantaria o Santo Condestável, Dom Nuno Álvares Pereira, um dos maiores chefes militares da nossa Idade Média e mesmo da nossa História como Nação.

Na Batalha de Aljubarrota demonstrou-se a eficácia das forças apeadas, como já antes, na Batalha de Atouros, se afirmara o poder da Infantaria contra as hostes da Cavalaria castelhana, pelo que historicamente se tornaram indissociáveis a figura do Condestável, a Arma de Infantaria e aquela que ficou inscrita com a divisa “Das Batalhas a Rainha”.

Reestruturação

Em 2014, é aprovada a nova Lei Orgânica do Exército, através do Decreto-Lei n.º 186/2014, de 29 de dezembro, com impacto na Arma de Infantaria.

Decorrente deste imperativo legal, são mantidas, como grandes unidades, as três Brigadas – Brigada



Mecanizada, Brigada de Intervenção e Brigada de Reação Rápida – que integram as unidades operacionais, mantendo-se os Regimentos como as unidades de base do Exército, enquanto as Escolas Práticas são extintas. Nestas, inclui-se a Escola Prática de Infantaria, localizada em Mafra, cujas instalações passaram a ser ocupadas pela Escola das Armas à qual foram atribuídas as competências de todas as referidas escolas.



Deslocamento apeado de uma Secção de Infantaria

Armamento, equipamento e meios

A Infantaria define-se, num sentido geral, como a mais antiga arma dos exércitos, e neste particular, do Exército Português, constituindo-se por definição como “uma força militar preparada para atuar em todas as situações, seja em paz, crise ou conflito, em todos os tipos de terreno e sob quaisquer condições meteorológicas”¹. Os meios de locomoção e/ou de combate são também definidores, caracterizando-se o militar de Infantaria como aquele que se desloca “a pé ou em viaturas de rodas ou de lagartas, podendo ser transportado ou lançado por meio aéreo.”



No atual quadro de evolução tecnológica e doutrinária, assiste-se ao emprego sistemático de unidades mistas e também de forças conjuntas.”

Neste sentido, tem vindo a beneficiar do esforço continuado de modernização que o Exército Português desenvolveu nas últimas décadas, no âmbito da formação e do treino, bem como das capacidades e meios, de que se destaca a aquisição de viaturas, de armamento, de sistemas de informação e de comunicações e, por último, de uniformes táticos fabricados com as modernas tecnologias da indústria têxtil.

Ao nível das viaturas são de referir as Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) Pandur II 8X8 e a VAM-TAC ST5. No armamento ligeiro, destacam-se a pistola Glock 9 mm X19 NATO, a espingarda automática SCAR-L (*Light*), 5,56 mm X45 e a espingarda SCAR-H



Posição militar para guarnição de Infantaria, em 1903

(*Heavy*) 7,62 mm X51, bem como as espingardas automáticas de assalto HK 416 5,56 mm X45 NATO e a HK 417 A2 7,62 mm X51.

Organização atual da Arma de Infantaria

No atual quadro de evolução tecnológica e doutri-



Instrução de tiro com a metralhadora BROWNING 12,7mm



... a Infantaria permanece como a arma que congrega maior número de efetivos, envolvendo um expressivo número de meios e capacidades. ”

nária, assiste-se ao emprego sistemático de unidades mistas e também de forças conjuntas. Sem embargo, a Infantaria permanece como a arma que congrega maior número de efetivos, envolvendo um expressivo número de meios e capacidades.

Presentemente, a Arma de Infantaria encontra-se representada em Unidades Regimentais e Batalhões, distribuindo-se territorialmente por todo o território continental e ilhas. Assim, ao nível regimental conta com os Regimentos de Infantaria n.º 1 (Beja), n.º 10 (Aveiro), n.º 13 (Vila Real), n.º 14 (Viseu), n.º 15 (Tomar), n.º 19 (Chaves), com o Regimento de Paraquedistas (Tancos) e de Comandos (Serra da Carregueira), estando ainda esta nobre Arma representada pelo Centro de Tropas de Operações Especiais (Lamego).

A nível de Batalhão, a Infantaria portuguesa conta atualmente com o Batalhão de Infantaria Mecanizado de Lagartas (Santa Margarida), o 1.º Batalhão de Infantaria do Regimento de Guarnição n.º 1 (Angra do Heroísmo), o 2.º Batalhão de Infantaria do Regimento de Guarnição n.º 2 (Ponta Delgada) e o Batalhão de Infantaria do Regimento de Guarnição n.º 3 (Funchal).

Diretor Honorário da Arma de Infantaria

O Diretor Honorário da Arma de Infantaria é o Tenente-General Rui Davide Guerra Pereira, que assume atualmente também o cargo de Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército.

Ao Diretor Honorário da Arma de Infantaria compete preservar, no seio do Exército, a tradição e o espírito de corpo, bem como desenvolver a sã camaradagem entre os militares da Arma bem como representá-la em cerimónias militares e outras atividades relacionadas, de natureza protocolar.

Conclusão

A Arma de Infantaria - se quisermos buscar a sua origem e caracterizar a sua génese e natureza - é consubstancial ao Exército, pois onde quer que atuem ou tenham atuado forças terrestres a Infantaria esteve presente.



Desde os antigos campos de batalha, combatendo como peão, na vanguarda do nobre cavaleiro, até aos atuais teatros onde chega apeado, a bordo do blindado ou projetado dos céus por meios aéreos e munido do mais sofisticado armamento, o Soldado de Infantaria carrega o imenso e valoroso acervo de uma história. Ele assinala, em última instância, a materialização de um objetivo de conquista e domínio do território e garante da sua perenidade, seja efetivamente o Território Nacional, quando se impôs a defesa da independência de Portugal e sua soberania, seja, mais recentemente, na garantia da paz e da segurança, através da participação em missões de paz e humanitárias assumidas pelas organizações internacionais de que Portugal faz parte. *JÉ*

¹ In <https://academiamilitar.pt/infantaria.html>



Missão da União Europeia em Moçambique

Em 12 de julho de 2021, por decisão do Conselho da União Europeia criou-se a missão de treino militar EUTM-MOZ¹, passando Portugal a constituir-se como Nação Líder

Texto : Tenente-Coronel de Cavalaria Figueiredo Lopes
Oficial de Planos (J5) da EUTM-MOZ

A conhecida situação de instabilidade securitária no norte de Moçambique, em especial na província de Cabo Delgado, conduziu as autoridades moçambicanas a solicitar apoio à Comunidade Internacional na luta contra o terrorismo, a fim de garantir a tão desejada segurança às populações dessa região e evitar o risco de alastramento a outras províncias do país e a países vizinhos. Neste enquadramento várias organizações internacionais e países, entre as quais a União Europeia (UE) e Portugal, rapidamente se prontificaram a apoiar Moçambique, de forma multidimensional, na luta contra o flagelo do terrorismo.

Ao nível da UE o Conselho estabeleceu, em 2020, um quadro global para a colaboração da União e dos Estados-Membros com Moçambique e a coordenação com outras partes interessadas, tendo o Comité Político e de Segurança aprovado, em 30 de março de 2021, um quadro político para a abordagem de crises em Cabo Delgado, considerando que seria adequada uma ação no âmbito da Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD)² centrada na formação e na assistência às Forças Armadas e de Defesa de Moçambique (FADM), no contexto da abordagem integrada da União para a crise em Cabo Delgado.

Portugal, a nível militar, iniciou a sua contribuição em abril de 2021 com a criação de um novo projeto de Cooperação no Domínio da Defesa (CDD)³, cujo objetivo se centralizou na formação e capacitação das FADM em operações de contraterrorismo. O projeto materializou-se na edificação de forças de reação rápida – *Quick Reaction Forces* (QRF) – constituídas por tropas especiais da Marinha de Guerra e do Exército moçambicano, integrando controladores aéreos a nível tático da Força Aérea – *Tactical Air Control Party* (TACP) – baseadas no sucesso do conceito de emprego das QRF empenhadas pelas Forças Armadas Portuguesas no Afeganistão e na República Centro-Africana.

Nesta sequência, em 12 de julho de 2021⁴, o Conselho da UE adotou a decisão de criar uma missão de treino militar em Moçambique – EUTM-MOZ – subordinada ao *Military Planning and Conduct Capability* (MPCC)⁵, nomeando o Brigadeiro-General do Exército Português Nuno Lemos Pires como *Mission Force Commander*, passando Portugal a constituir-se como *Lead Nation* da missão. A EUTM-MOZ foi implementada em tempo *record*, tendo os primeiros militares sido projetados para o Teatro de Operações⁶ de Moçambique ainda em setembro de 2021.

A missão teve como premissas a absorção e continuidade do treino do Projeto n.º6 da CDD, liderado por Portugal, e a inclusão no treino de formação especializada, não só em operações de contraterrorismo, mas também nos domínios da proteção de civis, do cumprimento do direito internacional humanitário e das disposições legais em matéria de direitos humanos. O mandato de dois anos a partir da declaração da *Full Operational Capability* (FOC) prevê o treino de 11 QRF – seis do Exército e cinco da Marinha – e tem a novi-



Assessoria em Técnicas, Táticas e Procedimentos

dade de a UE equipar totalmente, a nível individual e coletivo (excluindo equipamento letal), as unidades treinadas pela EUTM-MOZ, num valor total de 89 milhões de euros, garantido através de uma medida de assistência no âmbito do Mecanismo Europeu de Apoio à Paz (MEAP)⁷. Inclui, além do equipamento individual e coletivo, meios de mobilidade terrestre e um hospital de campanha.

Em 3 de novembro de 2021 foi realizada uma cerimónia militar, em simultâneo no campo de treino da Katembe e do Dongo, presidida localmente na Katembe pelo Ministro da Defesa de Moçambique, que assinalou a declaração da *Initial Operational Capability* e o início do treino da EUTM-MOZ. A referida cerimónia, que contou com destacadas autoridades civis e militares⁸, marcou formalmente o apoio militar da UE a Moçambique e deu o pontapé de saída para uma nova fase nas relações entre a Europa e Moçambique. O treino, ministrado em três locais distintos, Katembe/Maputo (QRF da Marinha), Dongo/Chimoio (QRF do Exército) e Base Aérea de Mavalane/Maputo (TACP), tem sido ministrado conjuntamente com militares moçambicanos, pois a missão da EUTM-MOZ visa capacitar as FADM, não só com QRF, mas também com instrutores certificados e capazes de continuar a treinar, empenhar e manter unidades tipo QRF.

Instrução militar em áreas edificadas



O conceito de QRF ministrado pela EUTM-MOZ, como já referido, teve por base a experiência dos militares portugueses nos teatros de operações do Afeganistão e República Centro-Africana e estruturalmente baseia-se em unidades de manobra (escalão Companhia) de tropas especiais, a que acresce um Estado-Maior com as valências de um Batalhão, uma equipa TACP e um Destacamento de Apoio, constituindo uma unidade de reação rápida com capacidade de planear, executar e apoiar operações que se designam de primeira intervenção. Uma QRF define-se como uma força ligeira, com grande capacidade técnica e tática, flexibilidade de emprego e elevada prontidão, capaz de conduzir e participar em todo o tipo de operações⁹. A mobilidade, a autonomia e o poder de fogo são características essenciais, podendo atuar isolada ou em conjunto, por curtos períodos de tempo, em operações de grande intensidade – é uma unidade para intervir em situações de crises inesperadas, utilizada para desequilibrar o combate.

O conceito descrito acima foi o adotado pela EUTM-MOZ, missão que integra 12 países¹⁰, distribuídos por um Quartel-General (Maputo), dois campos de treino (Katembe e Chimoio) e uma área de formação (Mavalane), com recurso, para exercícios finais, a áreas militares em Boane e em Nacala. Além do treino, espinha dorsal da missão, o fornecimento de equipamento não-letal é a novidade em missões militares da UE e constitui-se como critério de sucesso, pois foi a

primeira vez que o MEAP foi utilizado numa missão deste tipo.

Por enquanto a não inclusão da província de Cabo Delgado na *Mission Area* - Área de Missão da EUTM-MOZ condiciona a missão, em particular ao nível da monitorização, em primeira linha, do emprego operacional, do comportamento dos militares e da adequada utilização e manutenção dos equipamentos distribuídos às QRF treinadas e equipadas pela UE. Como forma de mitigar este condicionamento, a EUTM-MOZ implementou um mecanismo de coordenação para gestão situacional provido por diversas organizações no terreno, tendo em conta recolher informação, essencial para alimentar a célula de gestão do conhecimento (*Knowledge Management*). Para este desiderato muito têm contribuído as atividades de Cooperação Civil Militar (CIMIC), com várias instituições e organizações, assim como as inovadoras reuniões de coordenação, designadas por “*Five Partners Coordination Meeting Extended*”¹¹, fomentadas pela EUTM-MOZ, e que juntam mensalmente os principais representantes militares de países e organizações, que se constituem parceiras, com atividades militares em Moçambique. Esta ligação com outras entidades é uma das linhas de operação da missão e que assenta no conceito de *integrated approach* -abordagem integrada, fundamental para relacionar as atividades civis e militares – envolvendo organizações internacionais, organizações não governamentais, autoridades locais, forças e serviços de segurança e população local – procurando pontos de convergência, sempre em apoio às FADM e às autoridades de Moçambique.

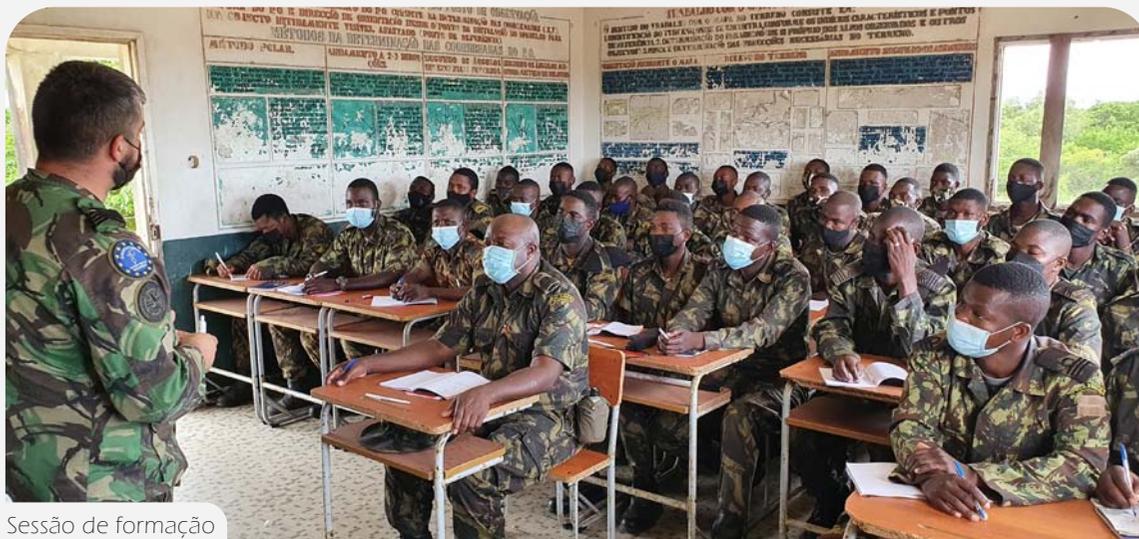


Instrução em Carreira de Tiro

Para o sucesso da missão é essencial garantir às FADM, dois anos depois da declaração da FOC, 11 QRF (cinco da Marinha e seis do Exército), treinadas, equipadas e monitorizadas como unidades eficazes e credíveis, sendo capazes de planejar e conduzir ações em todo o espectro de operações militares, incluindo atividades CIMIC, em especial em ambiente de contrainsurgência na região de Cabo Delgado, de forma autónoma e sustentável, na observância das disposições legais em matéria de direitos humanos e do direito internacional humanitário.

Até à data a EUTM-MOZ já treinou duas QRF (Marinha e Exército), atualmente empenhadas em

Cabo Delgado, estando a decorrer o 2.º ciclo de treino de mais duas unidades desta tipologia, sendo previsível existirem quatro QRF em finais de setembro de 2022. O caminho está a ser trilhado e a EUTM-MOZ tem demonstrado flexibilidade e capacidade de adaptação aos novos desafios, bem patentes nas propostas de inclusão da Província de Cabo Delgado na *Mission Area* da EUTM-MOZ e no acompanhamento não executivo das QRF treinadas pela UE em todo o teatro de operações de Moçambique (após revisão geográfica), garantindo a verificação *in loco* do desempenho operacional das QRF, assim como do estado de conservação e manutenção dos equipamentos distribuídos. *JÉ*



Sessão de formação

¹ *European Union Training Mission in Mozambique (EUTM-MOZ)*.

² “A PCSD proporciona um quadro da UE no domínio da defesa e da gestão de crises, incluindo a cooperação e a coordenação entre os Estados-Membros. Enquanto parte integrante da Política Externa e de Segurança Comum (PESC) da União, a PCSD deu origem a estruturas políticas e militares internas da UE, permitindo a realização de missões e operações militares e civis no estrangeiro” (<https://www.europarl.europa.eu/factsheets/pt/sheet/159/politica-comum-de-seguranca-e-defesa>).

³ Projeto 6 da Cooperação no Domínio da Defesa.

⁴ DECISÃO (PESC) 2021/1143 DO CONSELHO de 12 de julho de 2021.

⁵ O MPCC foi estabelecido a 8 de junho de 2017, sediado em Bruxelas, é responsável pelo planeamento e condução operacional das missões militares não executivas da UE. Comanda atualmente as EUTM no Mali, Somália, República Centro-Africana e Moçambique.

⁶ A área de operações – *Mission Area* – da EUTM-MOZ coincide com o território de Moçambique exceto a Província de Cabo Delgado.

⁷ O MEAP/*European Peace Facility* foi criado em 22 de março de 2021 pelo Conselho da UE e constitui-se como um instrumento extraorçamental destinado a reforçar a capacidade da União para prevenir conflitos, consolidar a paz e reforçar a segurança internacional, permitindo o financiamento de ações operacionais no âmbito da Política Externa e de Segurança Comum (PESC) com implicações no Domínio Militar ou da Defesa.

⁸ Altas Entidades que marcaram presença: MDN de Moçambique, MDN de Portugal, CEMGFA de Moçambique (e respetivas chefias militares), Chefe do Estado-Maior do MPCC, Embaixadores da UE com representação em Moçambique e respetivos Adidos Militares, entre outras individualidades.

⁹ Tarefas tipo: missões de combate; patrulhas de segurança; vigilância e recolha de informações; reconhecimentos; proteção de infraestruturas, áreas sensíveis e entidades ou forças; operações de cerco e busca; ação com helicópteros de ataque; operações de extração e resgate; e atividades CIMIC.

¹⁰ Áustria, Bélgica, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Itália, Lituânia, Portugal, Roménia, Suécia (assumiu a sua disponibilidade de integrar a missão na conferência de geração de forças ocorrida em maio de 2022 em Bruxelas).

¹¹ União Europeia, Estados Unidos da América, França, Moçambique, Portugal, Reino Unido, Ruanda e *Southern African Development Community (SADC)/SADC Mission in Mozambique (SAMIM)*.

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale
vantagens



No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!



Santander Totta

santandertotta.pt

Tenente Paraquedista Sofia Gil

Desde que ingressei no Exército, sinto que os valores que nos incutem e as dificuldades e superações pelas quais passamos preparam-nos para a nossa vida”



A Tenente Paraquedista em Regime de Contrato Sofia de Paiva Areias Gil, natural de Vila Nova de Gaia, com 27 anos de idade contou-nos da sua experiência nos cinco anos de serviço militar

Iniciei a minha carreira militar com o 1.º Curso Especial de Formação de Oficiais/ Curso de Formação de Oficiais (CEFO/ CFO), a 21 de março de 2017, na Escola das Armas em Mafra, para ingressar no Exército na Especialidade de Paraquedista.

Depois de concluir com aproveitamento o 1.º CEFO/CFO de 2017, ingressei na Instrução Complementar 3, na Especialidade 094 PQ Paraquedista, que decorreu de 2 de agosto a 9 de outubro de 2017, no 1.º Curso de Formação de Oficiais/Curso de Formação de Sargentos - Curso de Atiradores de 2017.

Depois do término deste curso fui colocada no Regimento de Paraquedistas, a 13 de outubro de 2017, para terminar a minha Especialidade.

Enquanto aguardava por novo curso, desempenhei funções como 2.ª Comandante da Companhia de Comando e Serviços, em acumulação com Adjunto da Educação Física Militar (EFM)/Tiro da Secção de Formação.

Frequentei e concluí com aproveitamento o Curso de Paraquedismo, entre 3 de abril e 13 de maio de

2019, tendo então sido colocada na Companhia de Formação Terrestre, onde ministrei três recrutas no âmbito da Formação Geral de Praças e da Especialidade de Paraquedista.

Posteriormente, fui colocada no Regimento de Infantaria n.º 10, a 1 de fevereiro de 2021, onde desempenhei funções como 2.ª Comandante da Companhia de Comando e Serviços e Comandante do Pelotão de Reabastecimentos e Serviços. Foi uma experiência deveras enriquecedora.

No ano seguinte, a 18 de fevereiro de 2022, passei a desempenhar as funções de Oficial de Justiça em acumulação com Adjunto EFM/Tiro. Por coincidência, estou a frequentar neste momento o 1.º Curso de Oficial de Justiça de 2022, o qual pode ser útil para o meu futuro, a nível curricular, pois pretendo candidatar-me futuramente às Forças de Segurança.

Desde que ingressei no Exército, sinto que os valores que nos incutem, as dificuldades que sentimos, e as superações pelas quais passamos preparam-nos para a vida.”

Grupo *Wagner*: O que é?



Proteção do Presidente da República Centro-Africana



Elemento do Grupo *Wagner* na República Centro-Africana

Apresentamos neste espaço o artigo da revista do Exército espanhol sobre o Grupo *Wagner*, pela atualidade e mormente pela sua presença em África, onde o Exército mantém Forças e Elementos Nacionais Destacados.



Os primeiros ecos do Grupo *Wagner* (GW) ou a *Wagner PMC* (*Private Military Company*) ocorreram durante o primeiro conflito da Ucrânia (2014), tendo a partir dessa ocasião sido utilizado em todos os cenários com o objetivo de promover a política externa russa, sem se comprometer oficialmente, e tendo sempre ao seu alcance uma negação passível de um eventual envolvimento. Refira-se, em abono da verdade, que a Rússia não é o único Estado a utilizar tal subterfúgio.

Segundo o autor, o GW é um termo geral para uma rede de grupos de mercenários controlados pelo oligarca russo Yevgeny Prigozhin, não sendo oficialmente uma companhia militar privada, mas sim uma entidade dentro de grupos semi-estatais ligados ao Kremlin, tornando-se difícil seguir e categorizar as suas atividades.

O artigo dissecar quem é quem no GW/*Wagner* PMC e também o seu envolvimento em diversos Teatros de Operações.

Conclui o autor que o GW/*Wagner* PMC proporciona a Putin uma instrumento versátil e barato para o desenvolvimento da sua estratégia híbrida, tendo a vantagem de não se ver afetado pela violação dos direitos humanos ou pelas baixas que poderiam resultar de uma eventual intervenção clássica.

[Polónia]

Obus autopropulsado AHS KRAB

Um exemplo da integração tecnológica

Com origem na Polónia, o AHS KRAB é um *obus* autopropulsado que está a ser utilizado pelo Exército da Ucrânia no conflito com a Rússia.

Este equipamento, fabricado pela empresa polaca HUTA STALOWA WOLA, é o resultado de uma plena integração tecnológica pois, entre as diversas partes que o constituem, combina um *chassis* K9 THUNDER (sul-coreano), uma torre produzida pelo consórcio britânico BAE SYSTEMS AS-90M BRAVEHEART que, por sua vez, integra uma peça com calibre 155mm/52, fabricada pela empresa francesa NEXTER SYSTEMS e, ainda, um sistema de Comando e Controlo de Tiro, produzido pela indústria de Defesa Nacional polaca.

A sua motorização está a cargo de um bloco propulsor diesel, de fabrico alemão, com oito cilindros (STX MTU FRIEDRICHSHAFEN), que debita 735 kW de potência e que permite deslocar as suas 48 toneladas de peso, atingindo uma velocidade máxima de 67 km/h. A autonomia, com um único depósito de combustível, é de 400 km.

Tendo sido projetado em 2000, apenas no período de 2008-2011 entrou em produção. Curiosamente, os primeiros modelos foram construídos com base num *chassis* do carro de combate russo T-72, mas, devido a problemas relacionados com o sistema de armas desta viatura, a ideia foi abandonada em favor do *chassis* sul-coreano K9 THUNDER.

Em 2015 a produção deste *obus* sofreu um processo de modernização e, desde aí, foram construídos cerca de 100 unidades.

O AHS KRAB apresenta uma elevada cadência de disparo, podendo efetuar até seis disparos por minuto, atingindo alvos localizados até 40 km. A sua utilização é compatível com os padrões da Artilharia de 155 mm utilizados pelos países da NATO, o que significa que pode



Obus autopropulsado AHS KRAB doado pela Polónia à Ucrânia

ser facilmente integrado em outros sistemas de armas.

Com a situação de conflito que se vive na Ucrânia, a Polónia doou 18 unidades deste modelo de *obus* a este país para que se possa defender da agressão de que está a ser alvo por parte da Rússia. A fim de reforçar este número, entretanto, a Ucrânia já encomendou 54 *obuses*, oito dos quais já estão prontos para iniciar a sua atividade operacional.

A fábrica de HUTA STALOWA WOLA tem capacidade para produzir 20-30 *obuses* por ano, o que significa que a aquisição dos 54 *obuses* anteriormente referidos pode levar cerca de dois anos a ser concretizada.

Paralelamente, o Exército polaco tem também encomendadas 122 unidades, mas como a situação de segurança na região central da Europa pode agravar-se rapidamente, gerir as prioridades de entrega por parte da fábrica poderá ser algo com um desfecho imprevisível.

Fonte : Artigo "Polish-made AHS Krab howitzers already in Ukraine: What do their specs tell us?" - <https://www.technology.org>.

Fotografia: Estado-Maior das Forças Armadas da Ucrânia via Wikimedia.



Encenação do ambiente histórico da Batalha do Buçaco

A Batalha do Buçaco

A Batalha do Buçaco foi, para o projeto hegemónico de Napoleão Bonaparte, o princípio do fim

Texto : Técnica Superior Ana Rita Carvalho
Redatora do *Jornal do Exército*

Em 27 de setembro de 1810, a Serra do Buçaco foi palco da maior batalha alguma vez travada em Portugal. Foram cerca de 120 000 combatentes dos exércitos anglo-luso, comandado por Arthur Wellesley, e francês, comandado por André Massena. O recontro surgiu no âmbito da Terceira Invasão Francesa a Portugal e traduziu-se na primeira derrota gaulesa durante esta terceira ofensiva.

Napoleão Bonaparte dominava grande parte da Europa, com exceção das Ilhas Britânicas e da Península Ibérica. A Grã-Bretanha era então a potência marítima e 'velha aliada' de Portugal, contra a qual fora decretado o "Bloqueio Continental", em 11 de novembro de 1806. A Primeira Invasão Francesa a Portugal, sob o comando de Junot, ocorre no ano seguinte, seguindo-se-lhe a Segunda Invasão, em 1809, sob comando do General

Soult. Entretanto, haviam chegado ao Porto os generais Wellesley e Beresford, à frente de uma força militar de 20 000 homens¹, que contribuiu definitivamente para a retirada de Soult.

Porém, os desígnios de Napoleão relativamente à Península Ibérica não haviam cessado. Antes projetara a constituição de uma grande força militar para invadir Portugal. Ao comando coloca o Marechal Massena, que tem por missão subjugar a Península Ibérica e expulsar o Exército Britânico². Entrando em Espanha, em meados de 1810, o Exército Francês põe cerco a Ciudad Rodrigo e, já em Território Nacional, a Almeida, que a 26 de agosto sofre um ataque da Artilharia francesa, e tragicamente cai, devido ao desastre ocorrido pela explosão de um paiol que destruiu o castelo medieval. O Exército anglo-luso teve então de retirar.

O Exército aliado progride desde a Beira Alta até Coimbra. Junto à linha do Mondego, a Serra do Buçaco, com o seu relevo acentuado estendendo-se ao longo de cerca de 20 km³, será o local escolhido por Wellesley para aguardar o invasor⁴, fundamentalmente com o objetivo de retardar o seu avanço e ganhar tempo para a retirada para as Linhas de Torres.

O Exército Francês progrediu igualmente pela Beira Alta, com os seus três Corpos de Exército a convergirem nas margens do Mondego, na região do Buçaco.

A posição ocupada pelo Exército aliado, associada ao acidentado da Serra e à vegetação abundante, tornava bastante difícil a progressão, sobretudo da Artilharia,

nas poucas estradas existentes, bem como a execução de fogo em apoio à Infantaria. Vários itinerários⁵ se apresentavam no acesso ao Buçaco, quase todos no sentido Este/Oeste. Esta linha contígua à estrada que ligava Mortágua a Coimbra constituía um ponto crítico, a merecer a atenção de Wellesley, que concentrou a maior parte do dispositivo a norte, para onde deslocou cerca de dois terços das forças, por considerar ser a zona de maior probabilidade do ataque francês. Já a Sul, foram posicionadas duas Divisões. A Artilharia aliada distribuía-se por toda a frente.

Relativamente às forças em presença⁶, o Exército Francês era constituído por três Corpos de Exército e uma Divisão de Cavalaria, a saber: o 2.º Corpo de Exército (CE), comandado pelo General Reynier, a duas Divisões de Infantaria, uma Brigada de Cavalaria, dois Destacamentos de um Regimento de Artilharia e de Artilharia a cavalo, e uma Companhia de Sapadores; o 6.º CE, comandado pelo General Ney, e que compreendia três Divisões de Infantaria, uma Brigada de Artilharia Ligeira, um Regimento de Artilharia e uma Companhia de Sapadores; o 8.º CE, comandado por Junot, compreendia duas Divisões de Infantaria, uma Divisão de Cavalaria, um Regimento de Artilharia e Sapadores. Compreendia ainda uma Divisão de Cavalaria em reserva, sob comando do General Montbrun, com cinco Regimentos de “dragões” e uma Bateria de Artilharia a cavalo, para além do Estado-Maior, de forças de polícia, equipamentos militares, engenharia e milícias, totalizando 59 806 elementos.

Pormenor da pintura que retrata a Batalha do Buçaco, Thomas Sutherland, Arquivo Histórico Militar



Quanto ao Exército anglo-luso, contava com seis Divisões de Infantaria e três Brigadas Independentes, a saber: uma Divisão Ligeira, comandada por Crawford; a 1.^a Divisão, sob comando do General Spencer e constituída por quatro Brigadas; a 2.^a Divisão, sob comando do General Hill, compreendendo três Brigadas inglesas e uma Divisão portuguesa; a 3.^a Divisão, sob comando do General Picton, compreendendo duas Brigadas inglesas e a 5.^a Brigada portuguesa; a 4.^a Divisão, sob comando do General Cole, a duas Brigadas inglesas e a 7.^a Brigada portuguesa; a 5.^a Divisão, comandada por Leith, que compreendia as Brigadas Barnes, a 8.^a Brigada portuguesa, a Leal Legião Lusitana, o Regimento de Infantaria n.º 8 e o Regimento de Milícias de Tomar, para além da engenharia, das “equipagens militares” e do Estado-Maior, num total de 52 272 elementos (26 843 britânicos e 25 429 portugueses). Para além deste



Monumento evocativo da Guerra Peninsular

efetivo em combate, encontravam-se no Buçaco outras unidades que, não tendo tomado parte no campo de batalha, permaneceram em reserva⁷. Na Artilharia, contava com 60 bocas de fogo.

A 26 de setembro, Massena reunira em conselho os generais comandantes dos corpos de exército, o Chefe do Estado-Maior e os comandantes da Artilharia e da Engenharia. Alguns generais (entre os quais Ney e Junot) foram de opinião que seria arriscado realizar um ataque frontal de baixo para cima, dadas as condições do terreno e as dificuldades de a Artilharia operar. Seria mais vantajoso retirar para Viseu, de onde poderiam progredir para o Porto ou voltar a Almeida. Outros (como Reynier e Lozowsky), embora admitindo dificuldades, viram alguma possibilidade de sucesso na operação. Massena insistia nas ordens de Napoleão para marchar sobre Lisboa. Dá ordem de batalha, programando, entre outras disposições, um ataque simultâneo dos 2.º e 6.º CE, o que não sucederá.

Às 6 horas da manhã de 27 de setembro, sob um denso nevoeiro, a 1.^a Divisão do 2.º CE francês dá início ao ataque, progredindo para Norte, em direção à Divisão britânica de Picton. Consegue atingir o cume da Serra, tendo repellido os postos aliados, incluindo o nosso Regimento de Infantaria n.º 8. Porém, ante o poder de fogo da Artilharia aliada, e depois da extenuante marcha desenvolvida, as colunas francesas começam a ceder. Foi notável neste combate a ação do Regimento de Infantaria n.º 8 português⁸, em apoio à Divisão de Picton, que efetuou uma carga à baioneta, fazendo com que a Divisão francesa de Merle, não tendo sido oportunamente apoiada pela reserva, retirasse para o sopé da Serra.

As forças francesas da 2.^a Divisão - Heudelet, que haviam aguardado em Santo António do Cântaro, avançaram pouco depois. Porém, não lograram conter o choque das forças de Picton, entretanto reforçadas por duas Brigadas britânicas e pelos Regimentos n.º 9 e 21 portugueses.

Ao contrário do que fora planeado por Massena, o 6.º CE só ataca passada mais de uma hora sobre o início do combate pelo 2.º CE⁹, quando este já se encontrava em retirada. As Divisões Loison e Marchand avançaram pela estrada em direção ao Luso. A Brigada Simon (de Loison) logrou atingir a zona da encosta de Sula, tendo repellido o nosso Batalhão de Caçadores n.º 3, pertencente à Divisão Crawford, e tendo-se mesmo apoderado

Museu Militar do Buçaco



de algumas peças de Artilharia. A resposta aliada não se fez esperar, por parte da Divisão Ligeira de Crawford, que executou três cargas à baioneta, a 15 passos de distância, em que se destacou o nosso Batalhão de Caçadores n.º 3. Como resultado, “Os franceses vieram de roldão pela encosta, e os feridos só eram detidos pelas árvores.” (General Victoriano César, op.cit., pág. 20). Toda a Divisão Loison foi obrigada a retirar para a zona de Moura, para o que muito contribuiu o ataque de flanco realizado pelo nosso Regimento de Infantaria n.º 9.

Quanto ao 8.º CE, que se encontrava em reserva, ainda avançou com uma Divisão (Clausel) para apoio ao 2.º CE, enquanto a Divisão Solignac, de Cavalaria, permanecia à retaguarda para apoio ao 6.º CE, mas não logrou deter o adversário. Do seu posto de comando, nos moinhos de Moura, Massena mandou cessar o combate.

A derrota francesa fora completa. Para ela muito terá contribuído o lapso de tempo decorrido entre os ataques dos 2.º e 6.º CE que, separados no campo de batalha cerca de 4 km, não coordenaram o seu esforço de combate. Também o ataque frontal não terá sido uma boa opção, dadas as condições do terreno e a quase impossibilidade de executar fogo de Artilharia, fatores aos quais se associou a falta ou inexatidão das informações previamente obtidas sobre as forças adversárias no terreno e sobre

a alternativa (que veio a revelar-se) de torneamento da posição. Sobre Massena e a Batalha do Buçaco, teceu Napoleão o seguinte comentário: “Massena sempre foi cabeçudo, mas no Buçaco mostrou ser ignorante, atacando de frente uma tal posição, sem a devida preparação de Artilharia.” (Descrito na *Vie militaire du General Foy*, apud, Coronel Dias de Carvalho, op. cit., pág. 24).

Do ponto de vista tático, revelou-se que o dispositivo adotado por Wellesley se adaptava muito melhor às características do terreno, que era mais propício a uma ação defensiva. Com efeito, a Infantaria (formada a duas fileiras e não a três, como no Exército francês) foi colocada em postos avançados, constituídos normalmente por duas Companhias, a 1.ª e a 10.ª de cada Batalhão (formadas por atiradores de elite, granadeiros e caçadores), e em posições à retaguarda da crista do terreno e nas depressões, ficando protegida pelo relevo e, nos flancos, pelo fogo da Artilharia. A Infantaria aliada sustentou um fogo cerrado contra as colunas francesas, obrigando-as a progredir rapidamente pelas íngremes encostas da serra e tornando árduo o seu avanço. A culminar, ao atingir o cume da serra, as colunas defrontavam as descargas apeadas da linha de atiradores, que atacavam à baioneta, a curtas distâncias, quando já se encontravam desgastadas e sem munições.

Foi em grande parte este dispositivo tático o responsável pela retumbante vitória aliada, tendo-se notabilizado os Batalhões portugueses, em especial os de caçadores, mas de um modo geral todos os que tomaram parte na Batalha e que mereceram o reconhecimento das chefias militares e do comando do Exército¹⁰.

Quanto a Wellesley, após a vitória e tendo em conta os movimentos do adversário numa tentativa de tornar a posição, decidiu retirar do Buçaco para as Linhas de Torres onde consolidaria a defesa aliada.

Do campo de batalha restavam milhares de mortos – cerca de 4500 do lado francês, do lado dos aliados, 1253 (metade ingleses e metade portugueses, sensivelmente) – para além dos feridos e prisioneiros. Um quadro de indizível sofrimento, que a abundante iconografia da Batalha silenciosamente invoca e que se inscreve também nas páginas da História. Destacou-se a ação humanitária dos frades do Convento do Buçaco, que acolheram e cuidaram dos feridos, sem distinção de nacionalidade.

Se a vitória aliada no Buçaco estava consumada, tal não significava que o país estivesse livre da ameaça francesa. Seguiram-se tempos difíceis não só para o Exército anglo-luso como também para a população portuguesa, que resistiu estoicamente aos ataques inimigos, a todo o tipo de barbaridades, e à fome. Pelo caminho da retirada¹¹, Wellesley mandara destruir tudo o que fosse proveitoso aos franceses, segundo o próprio princípio napoleónico de que “a guerra alimenta a guerra”.

A Batalha do Buçaco teve consequências de ordem material e moral, no imediato e no futuro. O seu significado, no âmbito das invasões francesas e da resistência aliada, é muito mais vasto, podendo dizer-se que para Napoleão e o seu projeto hegemónico foi o princípio do fim¹².

O Exército anglo-luso liderado por Wellesley consegue derrotar as temerosas forças de Napoleão, que somara vitórias pela Europa, num lance expansionista sem precedentes na era moderna. Ao mesmo tempo, assiste-se a uma revitalização do Soldado português, que ombreou heroicamente com o britânico.

Nos planos militar e político, a vitória

no Buçaco contribuiu definitivamente para a libertação do Território Nacional face ao imperialismo francês, a qual se consumará em março do ano seguinte, com a retirada das forças de Massena pela região da Guarda.

Em conclusão, a Guerra Peninsular, de que a Batalha do Buçaco constitui um episódio marcante, integra uma nova ordem nas relações internacionais, a qual foi inaugurada pela Revolução Francesa de 1789, e traduz uma dicotomia entre o universalismo e um sistema unipolar, preconizado pela França, contra as concepções de equilíbrio de poder defendidas pela Inglaterra. Será em nome destes princípios que a denominada potência marítima (Inglaterra) e potência continental (França) vão confrontar-se.

A Península Ibérica é um dos Teatros de Operações deste conflito, pelo seu posicionamento geoestratégico. Portugal assume neste sentido uma importância estratégica fulcral, tanto a nível do seu posicionamento europeu como das suas possessões ultramarinas, interesses a que a ‘velha aliada’ Inglaterra não era alheia.

A cooperação de sucesso entre os Exércitos português e britânico foi, pois, determinante para a afirmação da soberania nacional e para a credibilidade externa de Portugal. No Buçaco, como em tantos outros momentos da nossa História, o Exército contribuiu decisivamente para libertar o Território Nacional do jugo alheio e para afirmar Portugal como Nação. *J.E.*



Recriação histórica da Batalha do Buçaco, execução de salvas de tiro



Figurinos com uniformes da época, numa recriação da Batalha do Buçaco

¹ Wellesley navegou depois até à cidade do Porto, tendo entabulado contacto com a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, formada a 19 de junho, naquela cidade, após o que tropas britânicas desembarcaram na Praia de Lavos, a sul da Figueira da Foz.

² Por decreto de 17 de abril de 1810, Napoleão nomeia Massena para comandante do Exército destinado a invadir Portugal.

³ Segundo o Coronel Dias de Carvalho, a posição do Exército aliado no Buçaco “encontrava-se compreendida entre a senhora do Monte Alto, a Sul, e o Ninho da Águia, a Norte, numa extensão de cerca de 20 km.” *In A Batalha do Buçaco*, Caderno de História Militar n.º 22, Direção do Serviço Histórico-Militar, Lisboa, 1993, pág. 17.

⁴ Na verdade, o primeiro recontro tivera lugar em 24 de julho desse ano, tendo ficado conhecido como «Combate do Côa», o qual foi travado junto ao rio do mesmo nome, próximo de Almeida. Neste combate, as forças aliadas, através da Divisão Ligeira comandada pelo General Robert Crawford, foram obrigadas a retirar ante o avanço do 6.º CE francês, comandado pelo Marechal Ney.

⁵ Segundo a análise minuciosa que fez o General Victoriano César da posição do Buçaco, “A Serra do Buçaco levanta-se sobranceira a Penacova, tendo na Senhora do Monte Alto 323 metros de altitude; depois apresenta a depressão da Chã, e em seguida vai sucessivamente elevando-se até ter 547 metros (...) Desde a Senhora do Monte Alto até à mata do Buçaco, apenas se notam dois colos por onde passavam duas estradas. São as portelas da Oliveira ou da Mata e a de Santo António do Cântaro.” *in Batalha do Buçaco* (27 de Setembro de 1810), Lisboa, Imprensa da Armada, 1930, pág. 10.

⁶ Tomamos por referência o trabalho do Coronel José Dias de Carvalho atrás citado.

⁷ A saber, Unidades de Cavalaria inglesas, sob comando do General Cotton, num total de 2 920 efetivos; Unidades de Cavalaria portuguesas, sob comando de Fane, num total de 1450 homens; e a Divisão Lecor, composta pela Brigada Bradford e três regimentos de milícias, num total de 4 811 homens.

⁸ Num relato eivado de cariz patriótico, diz-nos o general Victoriano César, “Os nossos soldados, cheios do mais patriótico brio, foram os que mais se distinguiram nessa famosa carga à baioneta. Wellington teceu os maiores elogios aos bravos Soldados de Infantaria n.º 8.”

⁹ Embora o ataque devesse ser simultâneo, sucedia que o caminho a percorrer pelo 2.º CE era mais fácil do que o do 6.º CE, pelo que este deveria iniciar manobras anteriormente para cumprir o plano estipulado.

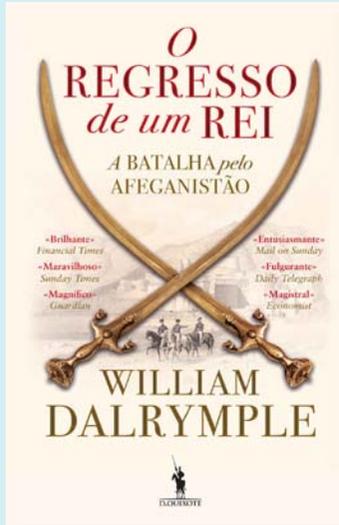
¹⁰ A brilhante conduta dos militares portugueses mereceu o reconhecimento de Wellesley e do Comandante em Chefe do Exército Britânico, o Marechal Beresford, constando na Ordem do Dia de 28 de setembro, emitida no Quartel-General no Buçaco, um elogio aos Batalhões e Regimentos portugueses que se distinguiram em combate e, na Ordem do Dia de 30 setembro, nova menção elogiosa de Wellesley.

¹¹ São ainda dignos de nota, já no ano seguinte, durante a retirada dos franceses, os combates de Pombal, Redinha e Condeixa e, finalmente, de Casal Novo, Foz de Arouce, Ponte da Mucela e Sabugal.

¹² Como referia o General Paul Thiébault, chefe do Estado-Maior de Junot, “A efémera conquista de Portugal foi a causa de todos os desastres que para a França depois se seguiram.” *Apud*, João Paulo Ferreira da Silva, *Primeira Invasão Francesa, 1807-1808 – A invasão de Junot e a revolta popular*, Lisboa, Academia das Ciências, 2015, p.1.

52. Cultura & Lazer

LIVROS



O Regresso de um Rei

Na Primavera de 1839, o Reino Unido invadiu o Afeganistão pela primeira vez. Aproximadamente 20 000 soldados submeteram o país e repuseram Shah Shuja ul-Mulk no trono. Mas, passados dois anos da ocupação, o povo afegão aderiu à chamada para a jihad e rebelou-se com grande violência. As tropas britânicas recuaram para as montanhas enfrentando ventos gelados e foram derrotados pelas tribos afegãs - foi a maior humilhação militar britânica do século XIX.

Recorrendo a uma série de fontes históricas afegãs e indianas esquecidas, a magistral narração de William Dalrymple do maior desastre imperial britânico é uma poderosa parábola da ambição colonial e de choque cultural, de loucura e de húbriis.

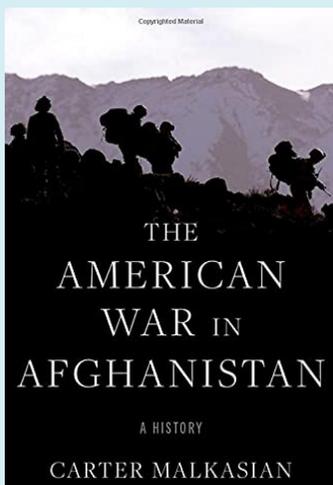
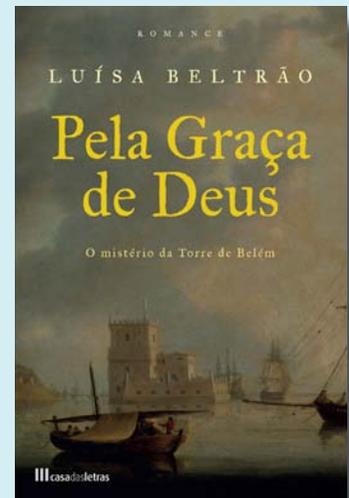
DALRYMPLE, William, *O Regresso de um Rei: a Batalha pelo Afeganistão*, D. Quixote, 2022

Pela Graça de Deus

No século XVI a fortaleza da Torre de Belém torna-se palco de uma série de crimes insólitos e violentos. Acessível por mar e aparentemente inviolável, o monumento é o símbolo máximo da expansão do reino, mas, nos seus pequenos detalhes, parece anunciar também a sua queda.

Num *thriller* pelo qual perpassam muitas personagens históricas, bem como temas tão diversos como a cabala, a Inquisição, a astrologia ou a corrupção e os atos praticados em nome de Deus, Luísa Beltrão constrói uma teia exemplar na qual o leitor se enredará tanto como o protagonista para concluir que o passado tem de ser compreendido, e não julgado.

BELTRÃO, Luísa, *Pela Graça de Deus – O Mistério da Torre de Belém*, Casa das Letras, maio de 2022



The American War in Afghanistan: a History

Neste livro, Carter Malkasian fornece uma história abrangente de todo o conflito no Afeganistão. Com base num profundo conhecimento local, e revisão de documentos de fontes primárias, Malkasian expõe múltiplas fases da guerra: a invasão de 2001; a postura americana, durante a invasão do Iraque em 2003; o ressurgimento dos Talibãs em 2006; e as várias redefinições na estratégia e deslocamentos das Forças que ocorreram a partir de 2011, culminando nas negociações de paz entre 2018 e 2020. O autor viveu grande parte disso e narra as suas experiências fornecendo um ponto de vista único sobre a guerra.

MALKASIAN, Carter, *The American War in Afghanistan: a History*, 2022

General Octávio de Cerqueira Rocha (1932 - 2022)

Com profunda consternação, o Exército Português lamenta o falecimento do antigo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Octávio Gabriel Calderon de Cerqueira Rocha, e endereça à Família e Amigos as mais sentidas condolências.

O Exército está de luto, por ter deixado de contar com um dos seus mais notáveis Soldados. A sua vida e o seu legado justificam um profundo reconhecimento e perene respeito pela sua memória, e constituem fator de motivação e orgulho para todos os que servem nesta secular Instituição.

O General Octávio de Cerqueira Rocha honrou, em todas as circunstâncias, os valores militares e o Exército que devotadamente serviu, afirmando-se pelas suas qualidades de liderança e clarividência, tendo marcado sucessivas gerações pela sua determinação, assim como pela experiência e ímpeto renovador que o distinguiram ao longo de uma ímpar carreira. Foi, pois, com naturalidade que serviu nos mais elevados cargos, entre outros, os de Comandante Chefe das Forças Armadas na Madeira, Comandante da Zona Militar da Madeira, Quartel-Mestre-General do Exército, Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército e Chefe do Estado-Maior do Exército.

Ao longo da sua carreira foi distinguido com as mais elevadas condecorações, nomeadamente, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, a Grã-Cruz da



Ordem Militar de Avis, duas Medalhas de Ouro de Serviços Distintos, duas Medalhas de Prata de Serviços Distintos com Palma, a Medalha do Pacificador do Brasil, a Cruz da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha, Grã-Cruz de Mérito da Grécia, Grã-Cruz da Ordem de Mérito Militar do Brasil, Grã-Cruz da Ordem de Mérito Militar de Espanha, entre outras.

As cerimónias fúnebres do General Cerqueira Rocha decorreram no dia 9 de setembro, na Capela da Academia Militar, em Lisboa, sendo a Última Encomendação e o funeral, no dia 10 de setembro.

À família enlutada deste ilustre Oficial General, o Jornal do Exército endereça sentidos pêsames.

Descanse em Paz, Meu General!



54. In Memoriam

José Pires, colaborador do *Jornal do Exército* (1935 - 2022)

José Pires nasceu na cidade de Elvas em 1935 e desde a mais tenra idade se sentiu fascinado pelas então chamadas Histórias aos Quadrinhos, que ele um dia descobrira nas páginas do mítico jornal *O Mosquito*. Desde sempre se dedicou a desenhar, melhorando dia a dia graças a uma prática constante e quase compulsiva. O seu serviço militar foi cumprido no Batalhão de Caçadores n.º 8.

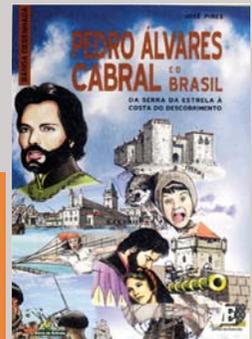
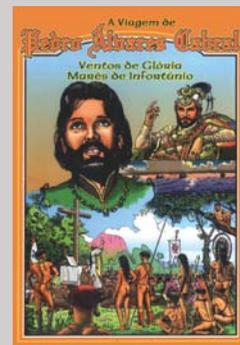
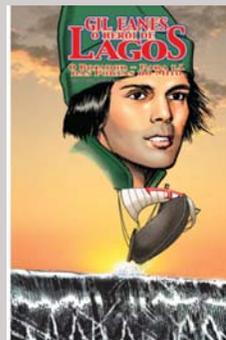
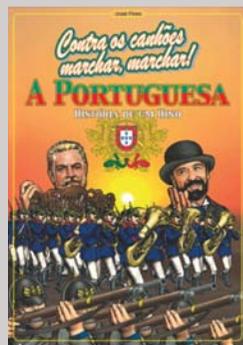
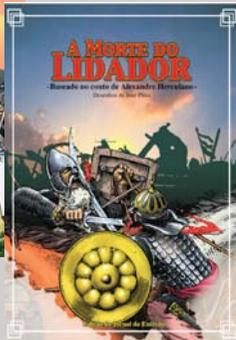
Conseguiu, em 1963, que o jornal *Cavaleiro Andante* lhe publicasse os seus primeiros trabalhos de Banda Desenhada (BD). Uma vez mais os seus dotes como desenhador lhe abririam as portas de agências de publicidade onde desempenhou uma carreira de cerca de 40 anos com reconhecido sucesso. Foi a seguir ao 25 de Abril que logrou colaborar nas páginas da célebre revista *Tintin*, de Bruxelas. Passou assim a desempenhar duas profissões. A de publicitário (director de arte) em Portugal e a de autor de BD para a Bélgica. Durante dez anos durou esta sua carreira além-fronteiras. Publicou no jornal *Tintin*, no *Hello BD* e na *Kifge* (*Tintin* em versão flamenga), publicando mais de 200 páginas e um álbum (*Le Sang et la Gloire - a Saga dos Templários*). Graças a esta dupla faceta, José Pires esteve presente no Festival do Filme Publicitário em Cannes, por cinco anos diferentes e uma vez no Festival de Veneza (1984). Esteve também por diversas vezes em Bruxelas para tratar das suas séries com Jean-Luc-Vernal, chefe de redação das *Editions du Lombard*. A sua carreira na Bélgica acabou quando o *Jornal Tintin* cessou a sua publicação.



Para França, já depois na situação de aposentado, de colaboração com o argumentista belga Benoit Despas, realizou em 2009 para as *Editions Orphie* o álbum *Alexandre Dumas - le Diable Noir*. Em Portugal desenhou também para o *Mundo de Aventuras* (*Homens do Oeste*), *Will Shannon - O Poço da Morte*, para as Edições Futura. *Gil Eanes e o Bojador*, para as Edições Terramar, *Pedro Álvares Cabral - Ventos de Glória, Marés de Infortúnio, Asas da Coragem - Gago Coutinho/Sacadura Cabral*, para editora Meribérica, *História de Gouveia - A Princesa da Serra, História de Celorico da Beira, Pedro Álvares Cabral e o Brasil, A Batalha do Bussaco*, estas últimas obras para a Âncora Editora. Ultimamente dedicava-se à produção de fanzines *Série Rob the Rover* – 30 volumes, em língua inglesa. *A Morte do Lidador* foi publicada no *Jornal Tintin*, da Bélgica, 1998.

Colaborou com o *Jornal do Exército* numa série de publicações, algumas delas apresentamos neste *in Memoriam*.

À família enlutada deste nosso colaborador, o *Jornal do Exército* endereça sentidos pêsames.





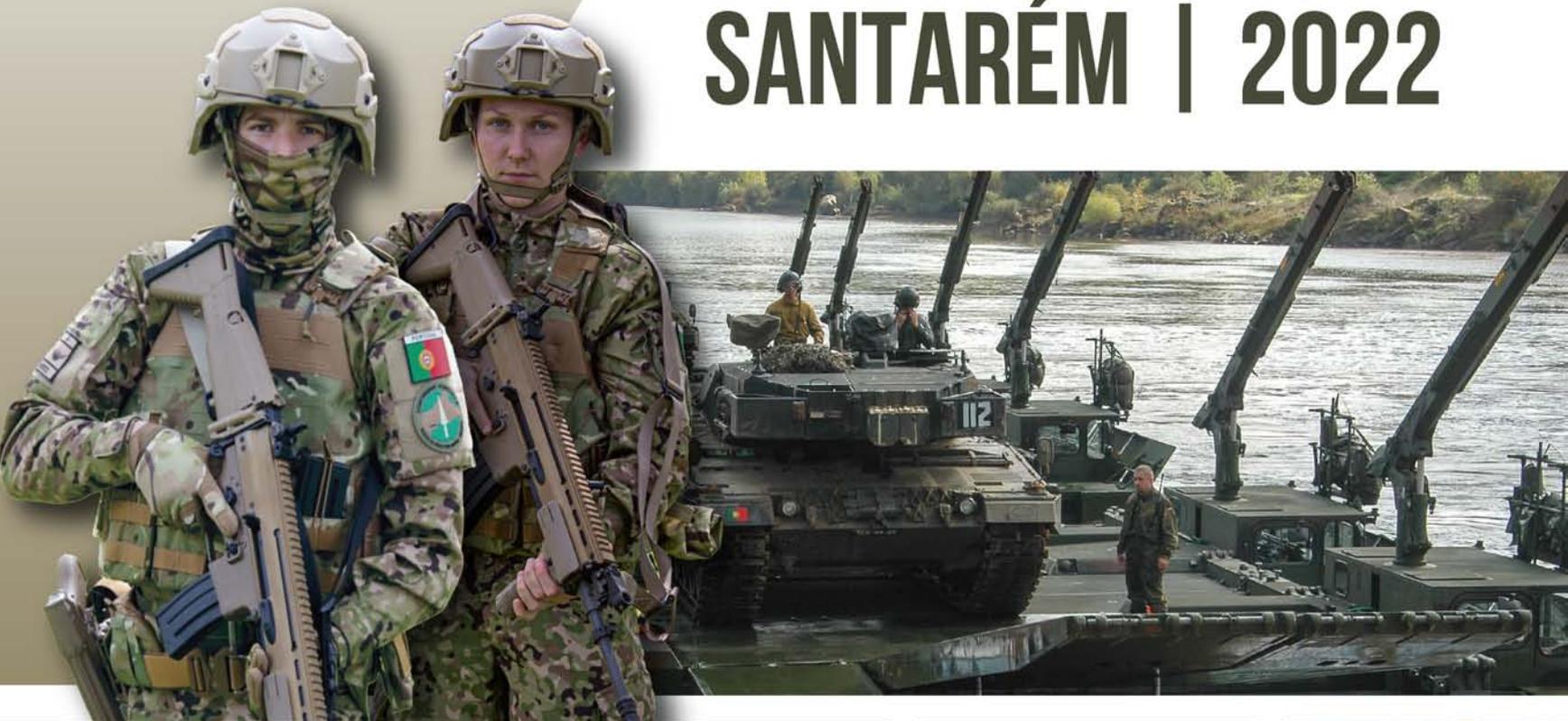
ACEITA O DESAFIO

CANDIDATURA À DISTÂNCIA DE UM CLIQUE!

COMEMORAÇÕES DO

DIA DO EXÉRCITO

SANTARÉM | 2022



EXPO EXÉRCITO 2022

ENCONTRO GÍMNICO

EVENTOS CULTURAIS

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

EVENTO DE INOVAÇÃO
E MODERNIZAÇÃO

CERIMÓNIA MILITAR
E DEMONSTRAÇÃO TÁTICA

CONCERTOS MÚSICAIS

ESPECTÁCULO EQUESTRE



19 A 24
OUTUBRO



   
exercito.pt

